

# ILUSTRAÇÃO



SEGUNDO O RETRATO EXISTENTE NA CATEDRAL DE COLÓNIA

1.º ANO — Número 13

Lisboa, 1 de Julho de 1926

PREÇO 4,500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão

É  
 DIFÍCIL  
 RISCAR  
 O



DEPOSITARIOS:

LISBOA — J. G. Rugeroni — 67, Rocio.  
 PORTO — Auto Omnia Ltd. — 23, Praça da Liberdade.  
 COIMBRA — Canto Ltd. — 9, Praça da Republica.  
 MADEIRA — H. P. Miles & C.\* — Funchal.  
 ABRANTES — Jorge Marçal.  
 BEJA — Tulio Ritta Ferro Suc.

AGENTES GERAIS: **H. MITCHELL. LTD.**  
 26, Travessa da Ribeira Nova, 1.º — LISBOA

DEPOSITARIOS

CASTELO BRANCO — Silvio Alves de Souza.  
 FORNOS D'ALGODRES — Viuva de José Lopes Lagarto.  
 LEIRIA — J. P. de Matos.  
 TORRES VEDRAS — José Barreto Garcia.  
 VIZEU — A. Lopes Ferreira Ltd.

# Grip-fix

## A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

É a cola mais económica em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio no seu uso.

É apresentada em lindos boiões de alumínio.



Cada boião substitui 5 frascos vulgares de cola líquida.

São elegantes e devem figurar sobre tôdas as mesas de trabalho.

Não se entorna, é do máximo aceio no seu uso, colando imediatamente após a sua aplicação.

PREÇO: 9\$00

*Unicos representantes para Portugal e Colónias:*

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

# GYRALDOSE

para os cuidados intimos da mulher

Excellent producto não toxico, descongestionante, antileucorrico, resolutivo e cicatrizante. Cheiro muito agradável. Uso continuo muito economico Da um verdadeiro bem estar.



É o antiseptico que toda a mulher deve ter no seu tocador.

Comunicagaoes  
Academia de Medicina  
14 Outubro 1912

Établissements Chatelein

15 Grandes Premios

2, Rue de Valenciennes, Paris, e em todas as farmacias

A GYRALDOSE da elegancia e saude

SABAO ANTISEPTICO de GYRALDOSE. Indispensavel para o cuidado intimo e as doengas da pele e do couro cabeludo.

OVULOS de GYRALDOSE. descongestio-nantes e antisepticos, preventivos e curativos das doengas das senhoras

A. VINCENT, LDA - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.



## Podereis usar durante meses

sem as concertar, as peugas americanas

# INTERWOVEN

porque as biqueiras e os calcanhares, sitios onde assentam os pés, são feitos de um "tricot" especial entretecido, cuja solidez é garantida ao uso.

V. Ex.<sup>a</sup> usará assim por um preço módico peugas finas e transparentes que os vossos amigos admirarão com inveja e que a vossa espôsa ou criada apreciará, pois que lhes não será necessário perder um tempo precioso em concertá-las. Adoptai imediatamente a

## Peuga INTERWOVEN

em algodão, lã e seda. À venda em tôdas as boas camisarias. — Agentes para revenda:

**A. VINCENT, LIMITADA**

RUA IVENS, 56, 2.º — LISBOA — Telefone: Central 1858

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25 — Lisboa

.....

DIRECTOR: JOÃO DA GUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.º — NÚMERO 13

1 DE JULHO DE 1926

.....



CABEÇA DA ESTATUA DA RAINHA SANTA ISABEL ESCULPIDA NO TUMULO DE PEDRA QUE A PRÓPRIA RAINHA MANDOU FAZER.  
ESTE TUMULO ESTÁ CONSERVADO NO MUSEU (ANTIGO CÔRO) DA IGREJA DE SANTA CLARA DE COIMBRA

## RAI-N-H-A - S-A-N-T-A

Em plena hora egoísta desta época material, falar de santos é subir para o píncaro de um monte solitário, é fugir para o silêncio de uma cela monástica. E tais alturas e retiros puríssimos são as primeiras eucaristias de ar espiritual, as quais ajudam a levantar a alma e, no arrebuo, nos fecham os ouvidos às vozes do mundo, nos cerram as pálpebras às luzes da terra, ao mesmo tempo que criam em nós outra espécie de tímpanos e pupilas para audições e visões de verdades sobrenaturais.

Ao aproximar-nos dos santos, sentimos vergonha dos nossos pecados, reconhecemos, contritos, que somos maus, e choramos, saudosos, pelo anjo que em nós viveu nas grandes horas religiosas da nossa infância, quando, preparados por mãe piedosa, subíamos, na timidez cândida dos primeiros conungantes, os degraus dos altares resplandecentes de velas e brancos de linhos e lírios.

Buscamos, então, lavar a alma e vestir-nos de túnicas claras.

Falar de santos é acender em nós o afecto do amor — supremo sentido crítico com o qual se vê o coração e se penetra no pensamento dos iluminados.

E todos estes desejos de alma, cuidados e apuros, logo ao simples enunciado da santidade, são, em seus bons anseios, os primeiros toques de luz-ensinamento, de luz-bondade, de luz-beleza, vindos dêsse clarão celeste para que nos encaminhamos: a alma-nobreza, a alma-virtudes de uma Rainha-Santa.

Anos antes desta infanta aragonesa nascer nas Espanhas, fins do século treze, um admirável movimento espiritual vibrava no mundo. Tinham-se criado as grandes ordens monásticas dos bentos, dos bernardos, dos dominicos, dos franciscanos; estavam erguidas por toda a parte belas catedrais; e edificavam-se ainda novas igrejas e conventos, contruam-se capelas e ermidas. No céu de Italia, onde a Renascença cristã brilhava com mais ardor, resplandeciam constelações maravilhosas de santas e santos. Na noite medieval, essas almas eram luzeiros. Ao lado dos costumes duros de uma época violenta, tal pureza era poesia divina. Irradiava graça. E tantas e tão formosas eram elas, que se esperava, a todo o momento, um astrólogo místico que viesse fazer, ante as massas populares, a biografia dessas estrelas rutilantes.

Então, na costa genovesa, de mar de cobalto, praias de quentes amarelos, e céu de azul profundo, numa branca e risonha cidadezinha marítima chamada Varage, surgiu um sábio teólogo e bemaventurado monge dominicano, que se abalçou a urdir a mais bela lhama de fios de sol que jamais se urdiu na história das belas vidas humanas: — a «Lenda Doirada» das vidas celestes. Jacques De Voragino, beatífico cora-

ção, construiu na terra, com divina candura, um relicário de ouro, de esmaltes e gemas; imprimiu, com Sete-Estrelas, um «Breviário» de «Flores dos Santos»; compôs e pintou «Horas» seráficas entre seráficas iluminuras. Esse livro único, que primeiramente se chamara «Lenda dos Santos» e depois, por edificação literária, se ficou chamando «Lenda Doirada», não quer dizer «Fábulas de ouro», mas sim «Leituras das vidas dos Santos» e, por conclusão, exactas «Lições de Santidade.»

E este foi o maravilhoso catecismo que formou o coração e incendiou a fantasia mística da adolescente infanta de Aragão que, de menina, (diz a crônica) «rezava horas, jejuava, mortificava as carnes com cilícios e suspirava pela solidão.» Cedo, pois, se enamorou da santidade; porém arranjos políticos dos reinos de Aragão e Portugal mandaram que Isabel se casasse, criança ainda, com um rei que ela não vira, e fôsse rainha de um reino, que diziam pequenino, lindo mas longinquo, para além dos montes, numa costa solheira recortada de enseadas violáceas e azuis. E Isabel, obediente, submeteu-se à vontade de seu pai e senhor, D. Pedro III de Aragão.

Aos onze anos de idade, já ela ficara presa, por cartas de arrhas, ao jóven D. Denis, rei de Portugal. Nesse instrumento de «propter nuptias», lavrado entre os procuradores dos reis, fixaram-se, de cá, doações em vilas, castelos, reguengos e apanágios; de lá, por «compra do seu corpo», um grosso dote em milhares de maravedis, de libras barcelonesas, e ainda «muitos ricos dons e gram vasilha de prata».

Terras e ouro — dotes dos homens!

De Deus, recebera mais valia: um coraçãozinho doce, uma inteligência lúcida, muito apêgo à justiça, à verdade, e a fantasia devota de imaginar boas obras e a vontade tenaz de pô-las em prática. E tudo servido com virtudes de quilate.

Adiante, já casada por palavras de presente, deixou a infanta as suas terras de Aragão. Cercada de cuvilheiras, donas e donzelas de sua casa, confessor, mordomo, grandes fidalgos e outros senhores de qualidade, veio de Saragossa a Navarra onde, em São-João-Pé-do-Pôrto, tomou o «caminho francês» das peregrinações santiaguesas, dos exércitos de Carlos Magno e dos do Roldão da epopeia medieval. Subiu serras através das florestas de Valcarlos, desceu os desfiladeiros de Roncesvales, passou pela sobranceira Pamplona, numa campina verde a perder de vista, atravessou os descampados sem fim dos centiaes da Castela-Velha, entrou em Portugal por Bragança, veio Trás-os Montes e Beiras abaixo, até à vila alta e murada de Trancoso onde, fora das portas d'El-Rei, esperava essa rôla o desejo áspero de D. Denis.

As duas côrtes instalaram-se no planalto, num acampamento de tendas vistosas. Ai se fizeram as bôdas. Era pelo São João. Sol alto, dias luminosos e longos. E o povo, em suas cantigas e bailadas rústicas, misturava às folias religiosas com os parabéns aos noivinhos reais. Cantavam e dansavam sob a lua nova que nascia nas distantes cordilheiras de Espanha e desaparecia ali próximo por detrás da serra Almansor.

Criatura de outra raça, nascida em terra estrangeira, sua beleza serena em figura franzina, rosto pálido, olhos miúdos e verdes, cabelos de loiro claro, e toda ela vestida de candura moral — Isabel impressionou, como estranho perfume, a sensualidade bravia e lirica do rei lavrador e trovador. D. Denis amou-a com frenesim, doçura e respeito. A vida da côrte, ora em Lisboa, em Santarém ou em Coimbra, era culta e colorida. Os poetas da Provença e de Aragão, que desciam ao reino de Portugal, pousavam nas alcáçovas reais, onde havia se-roidas com cantos de trovadores, segréis e jograis, acompanhados de tangeres de violas e harpejos de arrabis.

O rei, instruído por mestres franceses, é, ao mesmo tempo, político e poeta, lavrador e folgação. Funda universidades, planta pinhais, põe naus no mar, compõe «cantares de amor», cria vilas, ergue castelos, lança pontes, institue ordens militares e, justo e hábil, é na península, árbitro nos litígios das testas coroadas.

A lado de D. Denis, D. Isabel colabora criteriosa; mas a sua política é, sobretudo, a do seu coração caridoso. O rei junta, a rainha distribue; o rei acumula dinheiro, a rainha desperdiça-o santamente em santos benefícios. Com o melhor dos rendimentos das suas fartíssimas arrhas, D. Isabel levanta igrejas e capelas; funda conventos; institue hospitais; abre gafarias para leprosos, no meio dos quais ela é uma flor entre chagas; alberga pobres e cria recolhimentos para pessoas velhas e envergonhadas. Os devotos elevam para ela os braços agradecidos, os pobresinhos beijam-lhe as mãos, e os lázaros, de rostos deformados pelos lepromas fétidos, buscam, gratíssimos, tocar apenas na orla dos seus vestidos, quando a caritativa rainha passa, no apressado andar da sua irrequieta tarefa de bem-fazer.

Mas surgem contratempos domésticos, discórdias entre o rei e o irmão, e, adiante, entre o rei e o filho. É Deus quem lhe ouriça de espinhos e silvas bravas a estrada da vida, para que a alma da justa tenha com que alimentar as suas virtudes, e, no esforço, nos dizer quem é, nos mostrar quanto vale. E D. Isabel revelou-se medianeira hábil nos pleitos familiares, conciliadora de advsários, pacificadora de inimigos; e, olhos no céu, recalçando, nos silêncios de alma, humanos despeitos, houve sempre medida de atitude ante os desvarios do rei, e foi

boazinha mãe dos bastardos que lhe trazia para casa este folgado marido atreito a mancebas.

De novo, porém, se encarniçam os ódios entre D. Denis e seu filho legítimo D. Afonso, ciumento do bastardo D. Afonso Sanches. Extremam-se os campos. De parte a parte, há numerosas gentes. As do pai abalam de Lisboa; as do filho, de Santarém. Já próximos, estacam: uns no Campo Grande, outros no Lumiar. Parlamentam e nada conseguem. Então, as duas hostes avançam. Frente a frente, há florestas de lanças e picos brilhantes, há ondados de murriões luzentes. Num momento, trava-se o deshumano combate de pai contra filho, de filho contra pai. Parecem feras assenhadas!

Súbito, montada numa mula arreada de sela galega e jaeses de veludo carmezim, surge a admirável figura, activa e meiga, da rainha de Portugal. Em busca dos chefes, lança-se no meio dos bandos em plena refrega enraivecida. Por milagre, nenhum golpe a atinge. Encontra-os. Fala-lhes. Convence-os. A batalha é suspensa. Pai e filho reconciliam-se.

Maior que uma mulher, D. Isabel foi nesse dia memorável a imagem do Anjo da Paz que desceu das alturas, dissolveu ódios, harmonizou almas.

Morto o rei, some-se a rainha, ergue-se a donata, prosseguem os passos da justa, começa a vida da santa. Deixa os paços, dispensa a côrte, com suas donas e donzelas, camareiros e mordomos. A filha do rei de Aragão, a neta do rei de Nápoles e de Isabel de Thuringen, instala-se com simplicidade numas modestas casas na várzea do Mondego, defronte da caiada e alcançada Coimbra. As escarchas de prata e os aurismitos são substituídos pela lã branca de um burel clarista; as ósas douradas, por sandálias de bezerro cru; na testa régia, antes cingida por uma leve corôa de ouro bruido incrustada de balaços e pedras citrinas, pousa agora, invisível para todos, menos para ela que lhe sente o pêso e a austeridade, uma corôa de ferro — a da renúncia e do sacrificio. Já se não vê no seu corpo aquele bocadinho de peçoço nu e niveo de outrora: o oral do soqueixo afoga-o e tapa-o; e o véu de linho das noviças esconde-lhe os cabelos loiros, unge-lhe a cabeça penitente.

O fausto das rebrilhantes comitivas com que o seu magnifico marido a cercava, nas jornadas de Portugal e Espanha, especialmente quando das dissidências entre Fernando VI, de Castela, e Jaime II, de Aragão, em que os reis portugueses foram acompanhados «passante de mil pessoas»; — tudo isto lhe causava, agora, tédio e aborrecimento.

Vai de longada, incógnita, até às terras galegas de Santiago de Compostela, a cumprir duro voto. Veste-se com humildes roupas, e à sua volta tudo é pobre. Riquezas, somente as que vão nas arcaas encorçadas que uma azémola, enfreada de ouro, carrega. São os presentes ofertados pela rainha ao Apóstolo: uma imagem de prata de Nossa Senhora; a sua mais bela corôa de ouro e pedrarias; panos apostados de aljófa-

res; copas lavradas; vestimentas e dalmáticas ricas.

Por penitência, vai a pé, sempre que pode; e por penitência ainda, esmola para os pobres que encontra em seu longo caminho por montes e vales.

Entra exhausta na basilica de Compostela. O arcebispo e o cabido cercam-na de atenções, mas ela só quer bênçãos e indulgências.

Regressa a Portugal e traz, como lembrança piedosa, o bordão de peregrina, as conchas e a carcela de romeira.

Outra vez na sua terra adoptiva, e em Coimbra, continua as obras do mosteiro e da igreja de Santa Clara, as do hospital para velhinhos doentes; — instituições que a rainha enche de rendas largas.

A sua vida é a vida dos outros que precisam dela e com quem parte do seu: os gaços, os doentes, os inválidos, os órfãos, os que muito possuíram e tudo perderam, a quem a rainha socorre, nobremente, com a santa esmola oculta, que não magoa a pobreza envergonhada. Cria filhos de cavaleiros descaídos de meios; dota e põe casas a donzelas pobres, filhas d'algo; educa crianças desamparadas; veste-nus; enterra mortos; rime cativos; e, num ano de fome, abre os seus celeiros riais e distribue pão a necessitados.

Faz vida conventual: reza horas canónicas, desde matinas a completas, e é assídua e exacta nos serviços religiosos que tanto transportam a sua alma devotíssima.

Os anos vão passando.

Cresce a fama das suas virtudes, que já é toada de santidade.

Velha e doente, a sua última jornada é ainda uma jornada de amor: busca conciliar seu filho, rei de Portugal, com o genro, rei de Castela. Sob a solheira de um fim de Junho ardente, lá vai ela, através do Alemtejo calcinado, ao encontro dos reis inimigos — D. Afonso IV e D. Afonso XI. Em Extremós, adoecce com um fleimão no braço, que logo infecta o seu organismo enfraquecido, e em quatro dias a mata. Pungente nova! A consternação é geral. Portugal inteiro chora lágrimas como punhos! Então a verdade bela já não cabe na própria verdade e dilata-se na verdade máxima das narrativas incríveis e das tradições impossíveis. O sol da poesia doira-as. A vibração das almas musica-as. Emfim — a lenda!

E a figura moral da rainha e da monja, crescendo sempre, ascendendo cada vez mais, é, agora, no espirito de quem a admira, figura de veneração e na alma de quem a adora, imagem religiosa, que os olhos crentes vêem em transcendente colorido, a quem falam com palavras de reza, a quem rogam na hora afflictíssima dos corações em transe. Já dos passos que ela dera no mundo; das ações excelentes que praticara; das boas obras que fizera, é entendido o verdadeiro e íntimo sentido: favores do céu à virtude contumaz, graças derramadas na sua alma esbelta e sublime. Milagres!

E que lindos que são esses milagres!

Na lezíria verde de Santarém, no lago azul que é aí o Tejo espraiado, as águas interrompem o seu manso curso e abrem-se em obséquio à rainha, para que ela, a pé enxuto, possa ir rezar junto da sepultura de Santa Iria, construída, pelos anjos, no fundo do rio.

Em Alemquer e em Coimbra, a rainha paga com flores as jornas aos alvanéis dos templos; e essas flores, que os pedreiros levam para suas casas, transmudam-se em dinheiro. Outras vezes, são regaçadas de maravedis para os seus pobres, — oiro que, ela, celestemente sorrindo, numa tarde de inverno, transforma em rosas frescas de Maio.

No seu leito de moribunda é visitada pela Virgem Maria, vestida de imaculada alvura, olhar de divinal bondade, que, da parte de Jesus, a vem acompanhar e consolar na hora derradeira.

No entêrro, de Extremós a Coimbra, do caixão, pôsto em andas e envolto numa pele crua de boi, exalam-se «cheiros doces» — perfumes deliciosos e bentos. E quando, três séculos depois, abrem o seu ataúde, no mosteiro de Santa Clara, encontram-lhe o cadáver incorrupto e brancas e novinhas as vestiduras setineas com que a amortalharam.

Comovido, alma repleta de fé, o povo apinha-se em torno do seu túmulo gótico e reza com fervor.

Agradecido, jovial, diz, clama, apregoa que a Santa sara feridas rebeldes, cura quartãs antigas, e expulsa, dos corpos torcidos em contracções diabólicas, os porcos-sujos dos espiritos malignos.

Já anda por longe a voz de santidade desta rainha tão milagrosa na vida como na morte. Veem dos confins de Portugal romarias de crentes que levantam para ela seus corações atribulados. Rezam, rogam, choram. Ela, misericordiosa, ouve-os. Os milagres descem do céu. E a Igreja, após longo processo, ratifica a beatificação popular: Urbano VIII canoniza-a.

Mais uma santa portuguesa!

Ajoelhemos e oremos diante dela, nesta súplica pelo Portugal de hoje:

*«Rainha e Santa, dá-nos lições de Nobreza e Bondade. Caminha diante de nós para formos os pés nas pègadas da tua Virtude. Ensina-nos meñinas que possam curar os gaços da impiedade. Realiza em cada português de hoje um «homem bom» dos tempos idos. Dá ânimo aos descorajados e pernas aos paralticos da vontade. Faça de novo o milagre de transformar rosas (Beleza) em pão (Proveito). E diga ao teu coração de amor que nos instrua na diplomacia santa de conseguir concórdia entre homens de boas intenções em servir Portugal, mas que a Política estraga e desvaira, e os Ódios cegam e enfurecem! Senhora, Rainha e Santa, sê advogada nossa neste amargurado destêrro!»*

ANTERO DE FIGUEIREDO.

# A RAINHA SANTA NA HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

**E**DIFICADA numa colina sobranceira ao Mondêgo, que neste passo atinge o supremo grau da sua decantada beleza, Coimbra é uma velha cidade que não envelhece. Sofrendo com risonha paciência as sevícias dos séculos descaroadáveis e as dos homens, mais descaroadáveis talvez, ela é entre as cidades o mesmo que entre as mulheres foi Helena, leviana esposa de Menelau e causadora da ruína de Troia, essa Helena, que, segundo a lenda refere, velha e revelha, conservava ainda, irresistíveis e intactas, todas as graças e toda a frescura da adolescência.

O que compromete a vaidosa garridice de Coimbra e as suas veleidades de eterna juventude, são os velhos monumentos que sobre ela pesam e as velhas tradições que sobre ela pairam, envolvendo-a em poéticas brumas de balada e de canção de gesta, mas coscuvilhando indistinctamente a sua ancianidade. Essas tradições e esses monumentos sugestivamente fazem desfilar diante do nosso espirito, numa evocação que abrange uns poucos de séculos, muitas das maiores figuras que em Portugal foram grandes pelo amor e pela desgraça, pelo génio e pelo saber, pelo heroísmo e pela virtude.

Nesse cortejo de fantasmas, em que os trajos se misturam incoerentemente, baralhando épocas e condições, em que vemos diademas e mi-tras, cilícios e rocais de pérolas, cruzes e durindanas, túnicas de lhamas de ouro e grosseiros hábitos de burel, bispos conversando com rainhas, monjas interrogando sábios, guerreiros discutindo com santos, e princesas escutando poetas, nesse cortejo pitoresco e dramático, particularmente nos interessam e perturbam, como sempre, as mulheres, que, neste caso, pertencendo já ao outro mundo, bem mostram que nele conservam ainda o poder de sedução que em vida exerceram com tanta força sobre o sexo irónicamente chamado forte, por ser dos dois o mais fraco, embora o não pareça.

Fitando o Mondêgo com os seus olhos de se-reia nostálgica, num terraço da velha alcáçova rial, onde vive, como se de veras rainha fôsse, lá está Dona Maria Pais Ribeiro, a Ribeirinha, miúda, azogada e ruiva amante do rei Dom Sancho I, que por causa dela recebeu um lembrete, paternalmente severo, do Santo Padre, e que para ela compôs o famoso *cantar de amigo*

*Ai eu, coitada, como vivo  
En gran cuidado por meu amigo...*

A ilharga do primitivo mosteiro de Santa Clara, hoje meio soterrado na insua que o circunda e que as cheias do rio paulatinamente vão alteando, perpassa ao luar, alta e serena, não de manto e coroa, mas humildemente vestida de clarista, a Rainha Santa, Dona Isabel de Aragão, que rebusca inquieta o fundo da sua escarcela, na esperança de lá encontrar ainda algumas moedas, não vá aparecer-lhe algum pobre...

A seguir, implorando a misericórdia do céu, com os seus lindos olhos pisados mas resignados, desliza a suavíssima princesa D. Constança Manuel, que se finou, guindada aos mais altos cumes da paciência e da caridade, para não estorvar a desvaivada paixão adulterina do marido.

Atrás de Dona Constança, chegam de braço dado, irmanadas pela inclemência do mesmo fadário, Inês de Castro e Maria Telles; a primeira, a sogra, mostrando tragicamente no seu lindo *colo de garça* a linha vermelha, donde gotejam rubis, e que apregoa a crueldade da sua degolação; a segunda, a nora, trazendo ainda cravado no seio esquerdo o punhal com que aleivosamente foi assassinada pelo segundo marido.

Segue-se uma tia de Sá de Miranda, a muito ilustre Dona Guiomar de Sá, que, depois de ter enfeitado o Bispo-guerreiro Dom João Galvão, apaixonadamente falecido com saudades dela,

quando da sé de Coimbra passou para a de Braga, veio a casar com o também muito ilustre e, ao que parece, muito complacente Afonso de Barros, cavaleiro da casa de el-rei, e com elle jaz magnificamente sepultada na igreja do Salvador, numa confusão de cinzas, que ainda agora deve causar engulhos ás daquele destemido mas romântico prelado.

Por seu turno, surge agora, com o seu ar de passarinho alegre e esquivo, a juvenil Isabel Tavares, prima de Camões, que, requestando-a sem ser correspondido, precocemente se estreou no longo calvário das suas desilusões amorosas.

Vem depois Guiomar Nunes, por antonomasia *da cutilada*, filha do cosmógrafo Pedro Nunes moça de cabelinho na venta, como o demonstrou, escalavrando publicamente a carranca do noivo perjuro, o senhor do praso do Sobreiro, Heitor de Sá, quando este lhe roeu a palavra.

Deixando sem menção muitas outras lindas ou interessantes figuras de mulher, porque, faltando ainda tantas, não me é possível mencioná-las todas, evocarei por fim essa vaporosa Raquel, virginal e suave como as açucenas, que morreu ao desabrochar, inspirando a João de Deus uma das suas mais belas elegias.

Entre tantos vultos femininos cuja história se misturou com a de Coimbra e que a esta cidade comunicam qualquer coisa do seu feminino encanto, o mais popular, o mais lembrado e festejado, é, sem dúvida, o da Rainha Santa, o que bem se explica não só pelos dotes excepcionar de tão grande Senhora, mas também pelo poder sugestivo do culto religioso que lhe é prestado depois da sua canonização, da confiança com que a ela recorrem em momentos aflitivo,

Há em Coimbra dois mosteiros claristas: o de Santa Clara-a-Velha e o de Santa Clara-a-Nova.

O primeiro, a que atrás me referi e hoje se encontra tristemente arruinado e meio enterrado na extrema duma insua da margem esquerda do Mondêgo, é uma construção gótica, que teve por fundadora certa dama nobre e rica, Dona Mor Dias, recolhida no mosteiro das donas de Santa Cruz, a qual vestira o hábito da ordem de Santo Agostinho, sem votos, com o simples intuito de resguardar a sua honestidade (*pannos securitatis*). Mais tarde, como refere o autor das *Memórias das Rainhas de Portugal*, «os cônegos de Santa Cruz, quando viram que ela edificava um convento de outra ordem, tomados de ira, e cubiçosos das riquezas que possuía esta senhora, pretenderam embargar as obras, apoiando-se em uma falsidade, que a tanto montava o insistirem em que Dona Maior pertencia à ordem de Santa Cruz, e que portanto não podia dispor dos seus bens.» Foi longa e muito acidentada a demanda, resultando de aí que as obras do novo mosteiro, começadas em 1286, ainda não estavam concluídas quando Dona Mor Dias faleceu em 1302, consumida pelas ralações que a cubição dos cruzios lhe tinha feito sofrer. Por sua morte, os mesmos cruzios tantas trucas teceram, que conseguiram apossar-se duma grande parte dos bens legados por Dona Mór ao novo mosteiro e desviar este do fim para que tinha sido edificado, entregando-o aos frades de São Francisco da Ponte, cuja casa estava muito danificada pelas cheias do Mondêgo. Mais tarde, e depois de muito lentas e emara-



Ruínas do antigo convento de Santa Clara começado a construir por Dona Mór Dias e terminado pela Rainha Santa Isabel

muitas almas piedosas, e das obras d'arte, que vigilantemente conservam e poetizam a sua memória.

Das últimas, isto é, dos monumentos e das peças artísticas, que perteceram à Rainha Santa ou que com ela se relacionam, farei o objecto principal destas linhas, escritas a convite dos proprietários da *Ilustração*, que, publicando-as, se associam à comemoração da bemaventurada esposa de Dom Dinis, que brevemente se realizará em Coimbra.

das questões, foi a Rainha Santa quem logrou satisfazer a última vontade de Dona Mór Dias, instalando novamente no mosteiro as claristas expulsas, transformando e ampliando o edificio, mandando construir uma igreja nova e aproveitando a velha para *casa do capitulo*.

Da antiga e vasta construção monástica, que podemos reconstruir integralmente, com todas as probabilidades de acerto, graças sobretudo ás pesquisas do meu ilustre colega e amigo Dr. António de Vasconcelos, não resta hoje se-

não a igreja de três naves, soterrada e transformada, inferiormente, numa cisterna dantesca, que as infiltrações do Mondêgo abastecem com fartura, e, na sua parte superior, por uma série de lóbregos casarões, que assentam sobre uma abóbada de tijolo feita no século xvii, e que ultimamente serviam de estábulo, cortelho, palheiro, salgadeira de peles e laboriosíssima manufatura de teias de aranha. Depois de repetidas reclamações, parece que o mesmo templo, que é propriedade particular, será brevemente arrendado pelo Estado e entregue à guarda do Conselho de Arte e Arqueologia, de Coimbra, o qual, como é de esperar da sua inteligência e zelo, com enternecida solicitude há-de olhar, de certo, por tão venerandas e malfadadas ruínas. E toda a solicitude merecem essas ruínas, que, além doutros méritos, e a-pesar do seu descabelo, preciosamente documentam uma fase muito interessante mas pouco abundante da arquitectura gótica em Portugal.

No seu segundo testamento, escolhera a Rainha Santa, para lugar da sua sepultura, a igreja que ajudara a construir, determinação que se cumpriu, porquanto, embora tenha morrido longe de Coimbra, os seus restos para aqui foram trazidos e metidos depois no sumptuoso mausoleu que em vida mandara lavar, e do qual me occuparei em breve, quando me referir a Santa Clara-a-Nova, onde o mesmo mausoleu se encontra desde o século xvii.

Outras tradições piedosas vicejam, como heras imarcescíveis, entre as pedras desmantaladas deste templo. Nele esteve depositado o cadáver da linda Inês de Castro, que Dom Pedro I fez depois transportar para Alcobaca, sempre, por todo o caminho, entre civros acesos; nele foi celebrado o casamento de Dom Duarte, dizendo a tal respeito a *Monarquia Lusitana*: «E he de notar, que por se estrear bem El-Rey D. Duarte celebrou seu recebimento na Igreja de Santa Clara de Coimbra junto da sepultura da Rainha Santa Isabel»; nele professou constrangidamente, a 15 de Novembro de 1480, a *Excelente Senhora*, Dona Joana de Castela; nela foi orar o Regente Dom Pedro, antes de abalar para Alfarrobeira, onde morreu; nele se ouviu, finalmente, a voz do arcebispo de Braga, Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, que, prégando na presença d'el-rei D. Sebastião e da sua corte, severamente fulminou o aviltamento em que a pátria se ia deixando atolar.

A construção da mesma igreja se liga também um dos mais poéticos milagres de Santa Isabel, o bem conhecido *milagre das rosas*, referindo a lenda, que elle se realizou num dia em que a Rainha, tendo deliberado fazer pessoalmente a fêria aos operários, saíra do paço com uma arregaçada de dinheiro.

Em diversas passagens da *Lenda de Santa Isabel*, que parece ter sido redigida pouco depois da morte da Rainha, e que vem publicada na VI parte da *Monarquia Lusitana*, se allude ao oratório da mesma Santa, que nele passava grande parte dos seus dias em exercicios de devoção. «Vivendo esta Rainha casada com El-Rey seu marido, despndia seu tempo, e fazia vida sua por maneira que se segue. Ella em cada hum dia rezava as horas Canonicas, e as horas de Santa Maria, e dos passados, e fazia commoração de muitos Santos, e santas; e saíase á Capella que ella consigo tragua mui rica, e mui bem apostada...» E mais adiante: «E despois que esta Rainha foi veuva despndia seu tempo em esta maneira. Ella tinha consigo sinco Donas da Ordem de Santa Clara que sabião leer, e rezar, e erguiase a Rainha gram manhã, e aquellas Donas da Ordem, e rezavão as Matinas muito a ponto, e mui bem, aguardando em rezar o costume da Igreja de Roma; depois que Matinas fossem ditas, rezavão Prima; depois que prima fosse rezada, e dia fosse claro aguisavão hum Altar que ella sempre consigo tragua, e a camara tinha por oratório, e alli ouvia huma Missa calada com gram deuação.»

A esse oratório devem ter pertencido certamente três inestimáveis objectos artisticos, que durante séculos foram devotadamente guardados pelas claristas de Coimbra, e agora estão expostos no riquissimo *Museu de Ourivesaria Religiosa*, da mesma cidade, fundado pelo Bispo-Conde Dom Manuel Corrêa de Bastos Pina. São

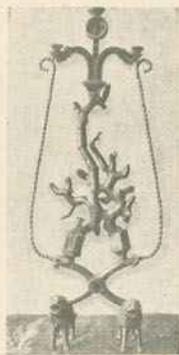
elles: uma imagem de prata, representando Nossa Senhora do Pilar, um relicário de coral e prata e uma cruz.

A imagem, que representa a Virgem com o Menino ao colo, é, como disse, de prata, em certas partes dourada e esmaltada, e tem noventa e três centímetros de altura. Nesta peça, de excepcional valor artistico e arqueologico, que simultaneamente nos elucida sobre a indumentaria e a joalharia dos principios do século xiv e sobre os recursos técnicos de que dispunham os lavrantes da mesma época, é notável o contraste entre a ingenuidade das formas humanas e das atitudes e a magnificência, verdadeiramente majestática, do vestuário. Com um véuzinho na cabeça, a Virgem traja uma longa túnica de brocado, cuja fralda se entufa em pre-



imagem de Nossa Senhora do Pilar tendo pertencido ao oratório da Rainha Santa Isabel

gas angulosas sobre os chapins ponteagudos, e em cuja trama se repetem, geometricamente dispostos, grandes losangos preenchidos pela mesma estilização vegetal e animal. A cinta, apertando a mesma túnica, uma corseia, cuja ponta chega quasi aos pés da estátua e que ostenta como ornamentação os escudos esmaltados e alternados de Portugal e Aragão. Um manto, rico e finamente gravado a buril e apertado sobre o colo por um broche de intrincado lavor, cobre os ombros,



Relicario de coral tendo pertencido ao oratório da Rainha Santa Isabel

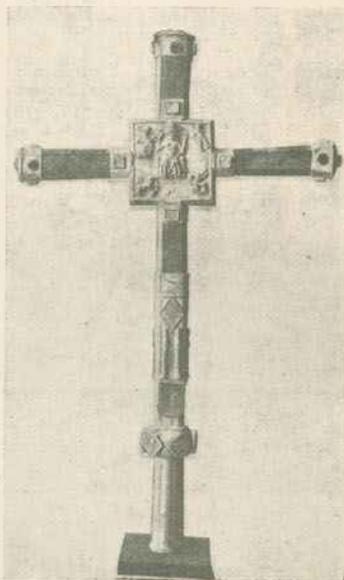
estranho efeito decorativo, principalmente constituida por um grande galho de coral assente sobre dois leões de prata e ostentando superficialmente um remate do mesmo metal, coberto de

esmaltes, no meio do qual se vê o receptáculo envidraçado, que contém um fragmento do Santo Lenho.

A cruz não desmerece das peças precedentes, tendo como elas uma grande imponência ornamental. A haste e os braços são de ágata com castões de prata cravejados de pedras, sendo igualmente de prata o pé, de forma tubular, e uma placa que, no cruzamento dos braços com a haste, ostenta em forte relevo, dum lado, a Virgem e S. João, e do outro, o Salvador cantonado pelos symbolos dos Apóstolos.

Outro objecto pertencente a Rainha Santa se encontra no *Museu de Ourivesaria Religiosa*, mas esse, de carácter profano. É um interessantissimo colar formado por uma série de broches, recortados e rendados em chapa de ouro, incrustados de pedras e pérolas, e ligados uns aos outros por trancelins também de ouro. Esta notável joia, bem digna, pela sua magnificência, de enfeitar a garganta duma rainha, está muito desfalcada no número dos broches que primitivamente contou e que piedosamente foram surripados como reliquias.

Resta-me agora falar de Santa Clara-a-Nova. Conta a *Lenda de Santa Isabel*, que esta, «depois que a Igreja, & dormitório foi acabada, fez abobadas á castra, & fez mui nobres paços, & bem postados; & para refeitório, & dormitório, & enfermaria, & castra, & cozinha, & todas as outras casas para os officios que comprião no Mosteiro, & fez cercar todo o Mosteiro de alto muro.» Mal empregado empenho, mal



Cruz que pertenceu ao oratório da Rainha Santa Isabel

empregado trabalho e mal empregado dinheiro, dispendidos num edificio, que, pelas péssimas condições do local em que se erguia, estava de nasceren condemnado a uma ruina próxima. O terreno escolhido por Dona Mór Dias, para edificação do seu mosteiro, bem pouco se alteava sobre a superfície normal das águas do Mondêgo, e por isso, quando este trasbordava no inverno, o que já então era frequente, logo as suas sobras iam alagar hereticamente a igreja monástica e as construções que lhe ficavam contiguas.

Em consequência do alteamento progressivo do leito do rio, que progressivamente foi danificando o edificio, tornando-o quasi inabitável, viram-se as religiosas compelidas, no século xvi, a abandonar os aposentos do rés-do-chão, já então permanentemente alagados. Depois, como a ruina e a insalubridade se tornassem ameaçadoras, pensou-se em transferir as freiras para outro lugar, o que só veio a acontecer no século xvii, por iniciativa de el-rei D. João IV,

## ILUSTRAÇÃO

que encarregou Frei João Turriano, engenheiro-mor do reino e lente de Matemática na Universidade de Coimbra, de traçar a planta do novo mosteiro.

A primeira pedra do sumptuoso edifício, construído no monte da Esperança, que defronta Coimbra, na margem esquerda do Mondego, foi solenemente lançada em 3 de julho de 1649 pelo reitor da Universidade, Manuel de Saldanha, e a 29 de outubro de 1667 eram para lá trasladados os restos da Rainha Santa, sendo o ataúde conduzido debaixo do pátio, pelos bispos do Porto, Lamego, Viseu, Miranda, Pernambuco e Targa, incorporando-se no cortejo, além do Bispo-Conde e do bispo de São Tomé, de vários representantes das congregações religiosas e de muita clerezia, algumas das mais prestigiosas figuras da corte, como foram os marqueses de Arronches e das Minas, os condes da Feira, de Alvitto, de Figueiró, de Santa Cruz, de Soure e da Ponte, o visconde de Vila Nova de Cerveira, etc.

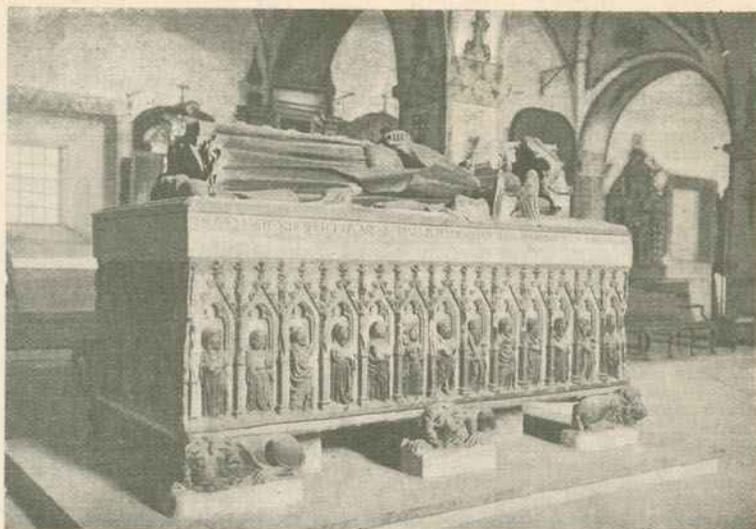
Santa Clara-a-Nova é, como quasi tôdas as construções seiscentistas, um edifício pesado e frio, mas grandioso pela amplitude das suas proporções e pela robustez do seu arcabouço. Só o dormitório principal, hoje transformado em caserna, tem perto de duzentos metros de comprimento, contando nada menos de oitenta celas. O claustro, lamentavelmente escalavrado, e talvez em parte por isso mesmo, produz uma forte impressão de sumptuosidade melancólica.

A igreja, arejada e bem iluminada, concorda nas suas proporções com o resto do edifício. No altar-mor, cujas paredes laterais estão vestidas de painéis mediocres mas interessantes como documentação da indumentária do século xvii, resplandece o segundo túmulo da Rainha Santa, mandado fazer pelo Bispo-Conde D. Afonso de Castelo Branco, e digno, pela sua magnificência, não só do prelado ilustre que o mandou lavrar mas também da rainha e santa para quem foi lavrado. O mesmo Bispo-Conde assistira em 26 de março de 1612 à abertura do ataúde de Santa Isabel, e, como todos os que o acompanhavam nessa ocasião, ficara assombrado, surpreendendo dentro do mesmo ataúde, não uma braçada de ossos cobertos por uma mancha de cinzas, mas um corpo inteiro

informa Antonio Coelho Gasco na *Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra*, e se caracteriza no seu aspecto geral por uma grande sobriedade e serenidade de linhas, que o artifice engenhosamente soube conciliar com a maior profusão e a maior delicadeza dos ornatos cinzelados e cravejados de gemas, esse novo túmulo é uma obra de ourivesaria episcopal-

santos, rainhas, um bispo, clérigos, freiras, etc. Sobre a tampa, entre dois anjos que na cabeceira a incensam com os seus turbulos, alonga-se a estátua jacente da Rainha, sobranceiro o bordão de peregrina e amortalhada no hábito de clarista, mas ostentando sobre o véu monástico a corôa rial floridelizada.

É ainda em Santa Clara-a-Nova, num dos



Mausoleu que em vida mandou lavrar a Rainha Santa para sua sepultura: está conservado no côro baixo da Igreja de Santa Clara-a-Nova

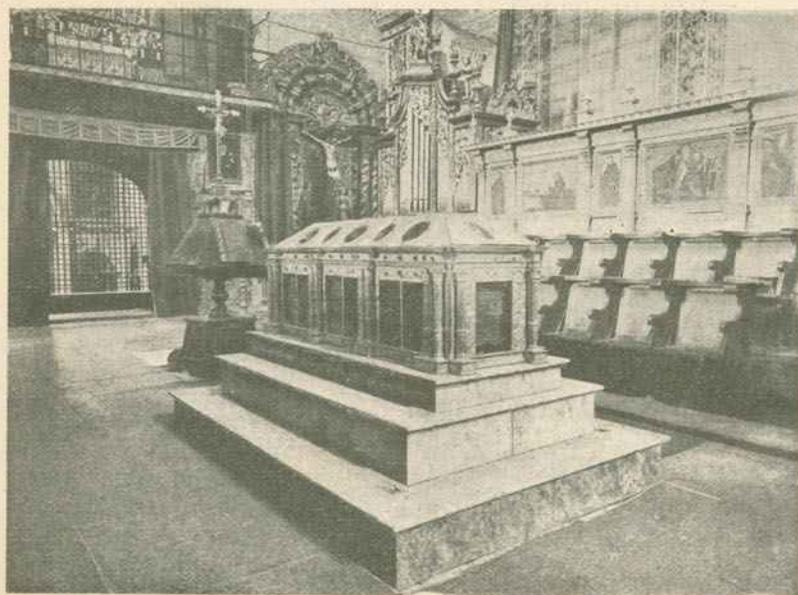
mente grandiosa e singularmente expressiva no seu duplo aspecto de relicário colossal e de fêretro precioso.

Lavrado em pedra de Ançã, o primeiro túmulo da Rainha Santa, por ela própria mandado fazer, como atrás referi, conserva-se no côro-baixo de Santa Clara-a-Nova, sendo um

altares laterais da sua igreja, que se admira a imagem da Rainha Santa, obra de Teixeira Lopes. Foi por esta estátua de madeira policromada, cheia de espiritualidade e de elegância, que o grande artista, já tão conhecido e aplaudido por obras doutra natureza, se revelou como escultor religioso, conseguindo colocar-se ao lado dos mais famosos santeiros da Idade-Média, que ainda são e hão de ser sempre os grandes mestres do género. Para esculpir esta imagem, em que o mais vigilante rigor da pormenorização histórica anda conjugado com a mais enternecida idealização da Rainha e da Santa, inspirou-se o artista na estátua jacente da mesma Rainha, que se vê no seu primeiro túmulo, e que, lavrada em sua vida, é um retrato autêntico, mostrando-nos a bemaventurada Soberana, como ela era no fim da vida. Mas, inspirando-se nesse retrato, Teixeira Lopes, não se lhe submeteu passivamente, não se limitou a fazer d'êla uma cópia servil. A estátua funerária, que representa a Rainha já avançada em anos, não serviu a Teixeira Lopes senão para o ajudar a imaginar como ela teria sido na flor da vida, e foi assim, adivinhando pelos destroços da velhice a beleza viçosa da mocidade, que êle criou essa admirável figura, nobre e esbelta, em que a majestade da Rainha e a terna humildade da Santa coexistem harmoniosamente, e reciprocamente se valorizam, dando a impressão de que tal figura, sendo humana, está no ponto de se deshumanizar, volatilizando-se misticamente na sua transmutação da humanidade mortal para a bemaventurança eterna.

Camo há anos escrevi, no meu *Guia de Coimbra*, essa figura da Rainha Santa, esguia, duma elegância de serafim passando pelo mundo, como que irradiando todos os clarões da sua alma cheia de claridade e de ternura, no sorriso triste dos lábios, na magada carícia dos olhos, na graciosa modestia da atitude e na inocência angélica das mãos que amparam as rosas do milagre; essa figura da Rainha Santa, talhada num tronco de árvore, que antigas primaveras encheram de ninhos e canções, ouve, e ouvirá enquanto durar, as comovidas preces de todos aqueles que ajoelharem a seus pés, louvando o Senhor que da terra nos deixa entrever o céu pela bondade dos seus santos e pelo génio dos seus artistas.

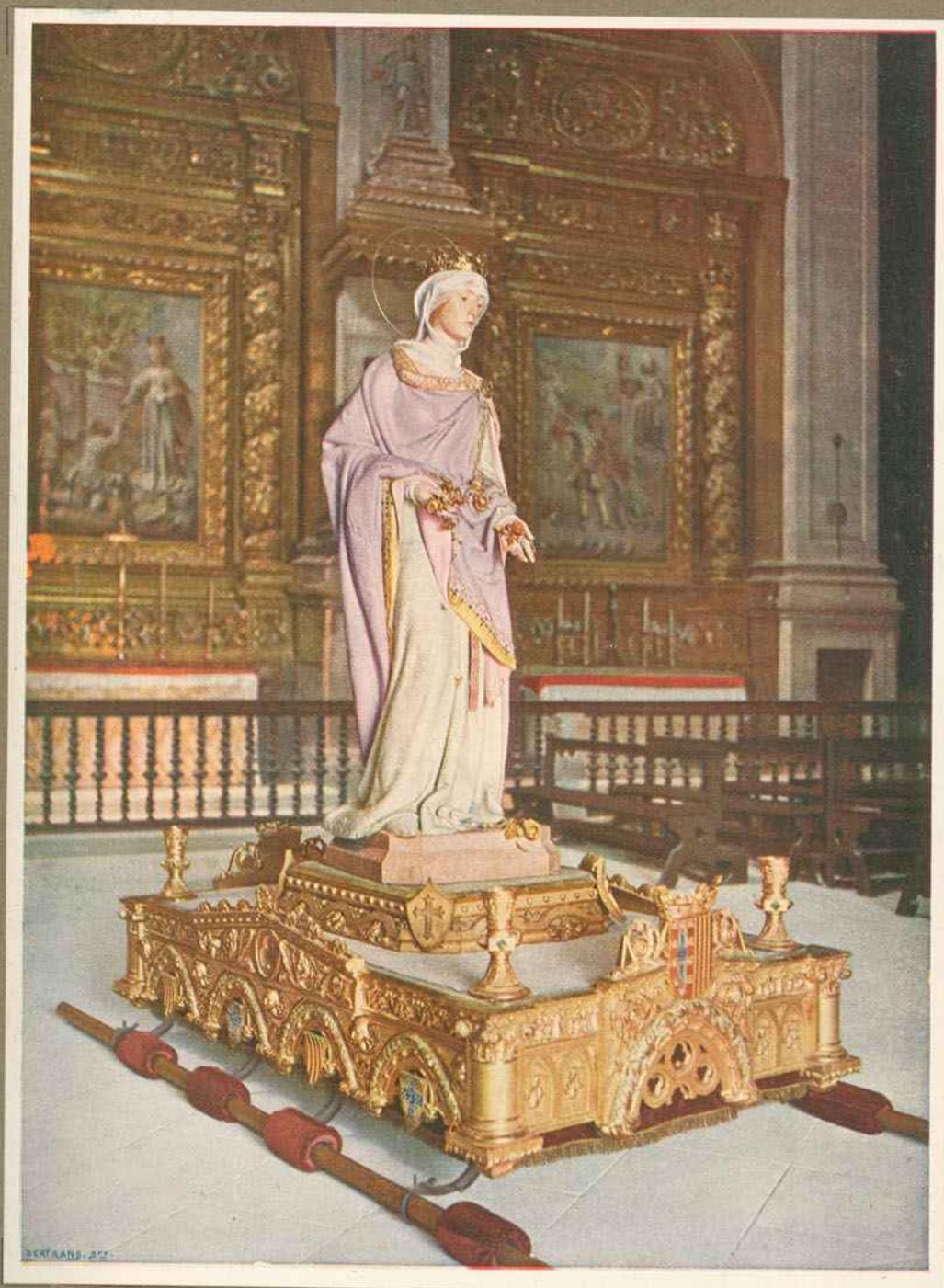
EUGÉNIO DE CASTRO.



Túmulo de prata e cristal que encerra actualmente o caixão onde fôpous o corpo incorrupto da Rainha Santa: achava-se ao centro do côro superior do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova como se vê na gravura e actualmente foi transferido para o altar-mor da Igreja de Santa Clara

e incorrupto. Foi então que deliberou transferir o caixão da Rainha Santa, do túmulo onde até aí tinha estado, para outro de prata e cristal, onde pudesse ser visto pelos devotos. Delineado segundo as normas neo-clássicas, esse novo túmulo, que custou quinze mil cruzados, segundo

notabilíssimo exemplar da escultura funerária do século xiv. A grande arca de pedra assenta sobre quatro leões agachados e tem as suas quatro faces inteiramente revestidas por uma arcada ogival, cujos arcos abrigam numerosas figuras que representam Jesus Cristo, vários



TEIXEIRA LOPES—Imagem da Rainha Santa Isabel

(Oferecida à Confraria da Rainha Santa Isabel em 1896 por S. M. a Rainha Senhora D. Amelia)

# A RAINHA SANTA ISABEL E O MILAGRE DAS ROSAS

Um dos capelães, que era aragonês, contava-lhe, como se embalasse uma criança, a grande história dos seus avós: dos Manfredos cúpidos e desditosos, de Barbarroxa truculento e maldito, daquela princesa Maria de Mompilher que, esposa engeitada, uma noite se lançou furtivamente nos aposentos de el-rei, em lugar de certa moça que ali costumava ficar, e ao cabo de nove meses, contados dia por dia, deu à luz um menino que foi o herdeiro do seetro e veio a morrer num mosteiro, amortalhado no seu saial de monge branco. Mas Isabel, por modéstia, contrafazendo o gosto que lhe dava ouvir aquela *gesta* de amor e heroicidade, pedia-lhe que contasse a vida dos santos e passos da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. E o capelão desviava a Legenda Dourada, particularmente a vida e obra de Santa Isabel, de Hungria, que ela tomara para modelo de princesas e sua rainha espiritual.

Casada aos onze anos, botão de rosa sem perfume, não oferecendo ao marido, rapaz na pujança da seiva, de natural fragilero e bulioso, mais que uma frágil e inerte graça, nos grandes paços de granito, lóbregos e frios, que atravessou pela vida fora, valeu-lhe de refúgio a exercicio da devoção e da caridade. Na esteira dessa Isabel, de Hungria, que morreu cercada de anjos, anjos de que os presentes não admiraram as formas esportivas, mas ouviram com ouvidos mortais os cânticos suavíssimos, entregou-se toda à paixão de amar a Deus e fazer o bem. Logo pela manhã rezava matinas e laudes e ouvia na capela-missa, cantada por bons e exímios cantores. Acabada a missa, rezava as horas canônicas, as da Virgem Maria, e o officio dos defuntos como melhor antídoto para as vaidades e regalos do mundo. Rezava à tarde vésperas e não se passava dia que, recolhida no oratório, se não entregasse a leituras piás e à contemplação. Jejuava a pão e água a Quaresma dos quarenta dias e a do Advento, a Quaresma de Nossa Senhora e a dos Anjos, sem falar nas vigílias dos santos e nos dias de guarda. Pela Páscoa, mandava em segredo vir ao paço treze pobres dos mais miseráveis e, posta de joelhos, lhes lavava os pés e servia à mesa; e, dando a cada um o folar e uma andaima de roupa, os despedia limpos e consolados. *Em tudo* — exclama Ribadeneira — *mais parecia uma perfeita religiosa que uma rainha soberana.*

E dava, dava tudo o que pilhava as mãos, os seus dinheiros e os de rei, as suas joias e as iguarias da mesa, as boas palavras da sua alma e as flores frescas dos seus jardins, tudo o que pudesse servir de alívio a tristes e necessitados. O seu esmoler recebera uma ordem terminante: dar esmola a quem a pedisse. Daí, onde ela poisasse, o cair como nuvem de moscardos a alcateia dos pedintes: aleijados e vagabundos, leprosos e picaros, fradinhos de pé alceiro e ladrões dos quatro caminhos. E reza a crônica que até de além fronteira vinha pobretalha, ao cheiro do maná que as mãos pródigas da rainha atiravam aos deserdados das varandas de seus paços e castelos.

Dava tudo, tomada do santo delírio da caridade, e so não praticava a liberdade absoluta como Santa Eponina, porque, além de nascer fudado seu corpo um frio e incorruptível mármore, defendia-se seu espírito da impureza, como o arminho.

Neste particular, causava maravilha a isenção com que Isabel encarava os apartamentos

e solturas do espóso. Escreve Rui de Pina que *nom mostrava receber por esso paixam nem escandalo algum, antes, como esquecida e nom tocada de dores, tam comuas has mais mulheres, nom perdia a devaçam e exercicio e encomendarse ha Deos e de partir alegremente com suas mulheres em cousas honestas.*

Ignorando o que fôsse o ciúme — fumo do amor — chegava a aposentar os bastardos em sua casa, dando de vestir às amas que os criavam e procurando mercês aos aios que os instruíam. Já entrado de anos e apaziguado em sua *sobeja deleitaçam*, D. Denis, à semelhança do Diabo que deu em eremita, entrou um dia no *caminho que devia, e sempre atée sua morte ho seguiu e guardou.*

Do milagre deste conjúgio tão extraordinário serem gerados Constança, que foi rainha de

igreja, ponte ou albergaria em que não tilintasse o óbulo da rainha.

Sucedendo desencandeando-se sobre o pai uma rigorosa esterilidade, a ponto dos homens correrem os matos como loucos e caírem ao chão, mortos de fome, Isabel mandou abrir os celeiros reais e encomendou aos mercadores estrangeiros trigo a todo o preço. Como nesta conjuntura fôsse até empenhar as joias, os oficiais de sua Casa lhe observaram:

— Repare, senhora, que amanhã terá a fome em palácio...

Ao que ela responderia:

— Deus se amerceará de nós!

E de verdade, nunca na vida desta rainha pródiga e freneticamente mãos rôtas, se viu o fundo às tulhas do rei lavrador e ao cofre da nação.

D. Denis, absorvido pelos negócios do Estado, em correrias por Castela ou contra o infante, na caça e nos prazos-dados das suas muitas concubinas, não punha embargos à generosidade de Isabel. A sua índole de homem prático e laborioso, com um instinto muito justo das realidades, devia repugnar aquele delírio de fazer bem que se assoberbara da mulher. Diante de seus olhos desfilara muitas vezes a borda de mendicantes, parasitas viciosos e madraços sem officio, de permeio com lázaros e aleijadinhos, dignos de piedade. Alguns tinham rijos braços para cavar a terra e outros eram vanaquas de ruínas manhas que estariam bem a balouçar na corda de esparto duma força. Mas fechava os olhos, porque de ânimo não era escasso, embora longe de perdulario, e porque sentia, talvez, no exercicio daquela inveterada largueza a derivante duma vida moral a que êle faltara com a componente indispensável do seu carinho de espóso.

Se, por ventura, notou a fazenda diminuida foi quando aparelhava a sua gente para a guerrilha encarniçada que sustentou, algumas vezes, com os visinhos. É de crer que o bom grangeador e economo sem par sentisse, então, um assomo de revolta ou de impaciência. Que medidas tomar, aliás, contra uma fraça e doce criatura que sabia tão bem sorrir, que sabia tão bem chorar, e a favor de quem Terra e Céu conjuravam!?

E havia de lembrar-se daquele dia de verão, vésperas de montaria, quando ao visitar os canis e gaiolas dos falcões, o moço da matilha se lhe queixou que os sobeijos da mesa, que antes eram a pitaça de lebréus e podengos, e os borrhachinhos e miúdos de rezes manjar predilecto dos nebris e esmerilhões, a rainha os distribuia pela gentalha que a toda a hora se apinhava à porta do castello.

Ficara êle muito sentido daquela nova, se bem que perros e aves de rapina, para a caça de alto, se mostrassem nêdios e soberbos de ralé, e no dia seguinte, adiando a jornada, se deu a espíria sua esposa. E quando ela, após o primeiro repasto, se dirigia para a portada com o regaço cheio, lhe saiu ao encontro e lhe disse:

— Quero saber, senhora, o que levais aí...

De pávida e surpresa caiu a regaçada à rainha. E rosas, infinitas rosas, de muitas côres, de fragrâncias nunca sentidas, juncaram o chão e perfumaram o ar em volta.

O rei, reconhecendo o milagre, ajoelhou e beijou a mão que dissipava pelos pobres da terra riquezas que, por fabulosas e inextinguíveis, só podiam vir do Céu.

AQUILINO RIBEIRO.



ANACAPHAL-ROSES. P. António de Vasconcelos  
Antuerpia, 1621

Castela e morreu na flor dos anos, e o bárbaro e facinoroso Afonso IV, não reza o cronista nem os agiologos.

Mas as dâdivas da mão augusta não se limitavam às câfillas que vinham tivar debaixo das frestas da Aleaçova ou do palácio de Alemquer. Era ela que com os réditos das terras que lhe haviam sido doadas, provia de pão os mosteiros dos frades Menores e Prêgadores e quantas clausuras de monjas havia no reino. A outros, ainda, de além raia, servia avultadas tenças. A pessoas nobres, mingoadas de recursos, acudia com diligência e recato, persuadida que a pobreza envorgonhada é a mais acerba das pobres. Onde suspeitasse de donzela pobre, em risco de virtude, mandava o dote nupcial, com que erguer telha, ou a mesadinha, com que custear os enfeites. Fundou conventos, gafarias, hospícios para meninos expostos e desamparados, recolhimentos para mulheres regeneradas. Por toda a terra portuguesa não se construiu

## CRÓNICA DA QUINZENA

**O**LHANDO o mais objectivamente possível os factos recentes, ocorridos em Portugal, a primeira observação que se impõe é o seu carácter quasi epidémico.

Em Espanha, na Grécia, na Polónia, os exércitos substituíram-se aos parlamentos; na Itália, um parlamento domesticado serve às ordens duma espécie de milícia política e civil. Na Rússia, como na Itália, governa um partido com exclusão brutal de todos os outros, apoiado na força e destruidor das vontades alheias à sua. E a própria Inglaterra, mãe do regime representativo e parlamentar, viu ameaçada há pouco a tradição do seu sólido governo democrático, pela investida de uma classe organizada quasi militarmente.

Voltando agora os olhos para a nossa pobre terra, os factos mostram que, onde tantos pronunciamentos militares teem agitado há dezasseis anos a vida política, o último, que nos impôs a todos o governo actual, é o mais geral e unânime que se tem visto, pois convém não esquecer que aquele mesmo donde resultou a implantação da República foi um movimento puramente local.

A generalidade da ultima revolução e o seu triunfo sem necessidade de desgastar uma espingarda, parecem mostrar que, neste país onde toda a actividade social é impulsiva e inorgânica, houve desta vez sistema e organização, representativos de uma vontade generalizada, forte e concreta.

Qual era e o que quer essa vontade? Muitos factos, comentados por muitas palavras, embora hesitantes e contraditórios, dos verdadeiros corifeus do movimento, permitem dizer que em amplas camadas do exército (como da nação inteira) fez caminho o cansaço da incompetência e inconsciência dos nossos parlamentos, o exemplo da ditadura militar espanhola e do Fascio italiano, e a infiltração das doutrinas do Integralismo ou do Presidencialismo, em largas camadas da mocidade actual.

O descrédito do regime parlamentar generalizou-se na Europa, e uma das suas manifestações mais contundentes é a incapacidade que neste preciso momento está revelando a politica francesa, para constituir um governo que queira e possa salvar a França do abismo financeiro a que levou o país. Causa espanto a inconsciência dos partidos politicos franceses e já se recebem sem surpresa comentários externos como os que vamos transcrever de dois órgãos principais da imprensa britânica: «O povo francês (diz o *Financial News*) está sumido na obscuridade, porque os seus politicos são incapazes de encontrar um remédio. Pode prever-se com segurança que as classes médias francesas já não sofrerão por mais tempo, e com tranquilidade, que continuem a enganar-las...» E o *Daily News* escreve: «Poderá chegar o dia em que a França se veja obrigada a pedir o auxilio da Gram-Bretanha e da America; mas tal socorro não poderá conceder-se sem reformas interiores implacáveis, fiscalizadas muito provavelmente, e de maneira estreita, por delegados directos dos dois governos interessados.»

Jornais ingleses que ainda há pouco defenderam, contra as *Trades-Unions*, os direitos e tradições do governo parlamentar nacional, falam assim ao parlamentarismo francês; e uma grande e activa nação como a França vê-se na contingência e talvez na véspera, ou de sofrer a ditadura interna, ou de sujeitar-se à administração estrangeira.

Sabemos todos, pelo que vai cá por casa, o que quer dizer aquilo das *reformas interiores implacáveis*. Mas é licito duvidar de que os parlamentos e as próprias ditaduras nacionais de

água com mais ou menos açúcar, possam arear com o pólvora do parasitismo, criado, mantido e alastrado pelos partidos parlamentares. Nem a mão de ferro da administração estrangeira, com que já se acena à grande e orgulhosa França, pode impor a necessária politica de penitência, a não ser que se apoie na força militar interna. E, assim, e de qualquer modo, é fatal que o governo representativo e das maiorias parlamentares tem ali os seus dias contados.

Tudo isto leva a crer que o caso português é mero aspecto superficial e local de um fenómeno muito mais amplo e profundo. Há que fazer uma obra de reeducação social que através de experiências longas e duras, curará a doença pelos seus próprios excessos. Esta graça de aprender a ler e escrever para viver à custa do Estado não pode durar muito mais, senão com a condição de nos fazermos, não só muito sábios em leitura e escrita, como já somos, mas também muito valentes; e de irmos, como nos séculos XVI e XVIII, buscar lá fora o sustento que cá dentro não sabemos nem queremos semear. Já foram devoradas as estradas que nos herdou o Constitucionalismo; já estão engulidos os navios alemães, inteirinhos e entregados; já asfixiam agricultura, industria, comércio e navegação sob o peso dos impostos que a burocracia de todas as espécies devora quasi inteiramente; já vão reduzidas as colónias a repartições públicas cheias de funcionários e vazias de dinheiro e trabalho; já se escorraçou todo o capital privado e disponível, que confia mais e com boas razões na honestidade dos bancos estrangeiros do que na dos governantes nacionais, perdendo-se assim inteiramente o que era tão necessário para as iniciativas de produção e as obras urgentes de utilidade pública; já foi iniciado o saque interno, directo, promovendo-se a proprietários os inquilinos instalados, e impossibilitando a vida aos que chegaram tarde para participar desse bôdo immoral; e já subiu a tão alto grau a desvergonha official, que o funcionário publico julgado e condenado por ladrão continua a ser funcionário publico! Eis o que se conclui de uma das reclamações que os revolucionários militares triunfantes apresentaram ao governo por eles próprios constituído: *Que sejam immediatamente expulsos do exercito os officiaes julgados e condenados por concussão...*

Ah, que não sei, de nojo, como o conte!

Os homens honestos e sinceros, os moços ingenuos e patriotas que organizaram e fizeram triunfar, com nobres ideais, a revolta contra a corrupção politica, quiseram de-certo instaurar neste pobre país um governo que moralize e que eduque. Educar, porém, não consiste em remodelar de alto abaixo, no papel, a instrução pública, como em 1901, no tempo de Hintze Ribeiro, em 1911, no tempo de António José de Almeida, e em 1918, no tempo de Sidónio Paes. Isso é fingir, não é fazer. É levantar grande poeira, que, quando assenta, deixa ver que tudo ficou pior, como se tem visto e está vendo.

Educar é, antes de mais nada, dar a todos o exemplo da honradez e da austeridade no Poder. Reabilitar a administração do Estado, atascada no ultimo descrédito. Travar a onda do parasitismo, desafogando a economia do país, asfixiada, e dando assim saída e emprego útil aos milhares de homens que as escolas contraproducentes estão despejando sobre a Nação, para a envergonharem e arruinarem com a sua ociosidade.

Educar é, depois, na matéria do ensino publico, organizar, criar e manter, livres da tutela viciosa do Estado, duas, três, quatro, meia dúzia quando muito de escolas perfeitas, mo-

dernas, europeias, honradas, donde os rapazes saiam com o gosto e a aptidão do trabalho, que as actuais lhes não dão; com o espirito de solidariedade activa e construtiva, que aos portugueses de hoje falta inteiramente; com o ideal de servir e honrar Portugal, por prazer, por devoção, por entusiasmo, ganhando a vida nas carreiras independentes do Estado e recusando pensões e mesadas publicas, unico recurso dos inúteis e fracos.

O remédio não pôde ser repentino e amplo, como supõem os nossos maniacos de legislar, sempre convencidos, apesar de todas as provas em contrario, de que o que se decreta nos ministerios se transforma, só por isso, em realidade. Com letras pretas em papel branco não se criam métodos; não se reformam homens, não se contrariam hábitos, não se extinguem vícios, nem se implantam virtudes. E a melhor maneira de não reformar nada é querer ou fingir reformar tudo ao mesmo tempo.

A primeira virtude do reformador é ser sincero; a segunda é ser tenaz. Ora o Estado é mau reformador por definição e natureza, visto que lhe faltam quasi sempre aquelas duas virtudes. Para ser sincero teria de romper contra rotinas e interesses que são seus próprios, ou daqueles que o servem e dominam. Para ser tenaz precisava em primeiro lugar de ter vontade, e em segundo lugar de ter tempo. ¿Onde a vontade, se o Estado é politica, e vive exactamente de fazer mal aquilo que devia fazer bem? ¿Onde o tempo, se o que hoje delinea-se e criasse com amor e eficacia um ministro bem inspirado, seria destruido amanhã pela penada facil de outro ministro, enfeudado às costumeiras e egoístas ambientes?

Só a iniciativa particular, devidamente norteada, e actuante por fundações restritas, locais e a principio modestas, poderá criar alguma coisa de eficaz e duradouro. Mas a iniciativa particular, em Portugal, só existe para as obras caritativas e não compreende nem sente ainda a urgência e a transcendência da reforma da educação. E o Estado, apesar de tantas aspirações e promessas de muitos, e muito bem intencionados, não parece ter chegado à perfeição civica de compreender que, deseducador dos homens, não serve para educar meninos.

Quando muito vê-lo hemos engorgitar de mais material as escolas onde o que verdadeiramente falta é ideal. E as *escolas* primárias superiores, onze mil virgens filhas de trinta supplementos ao *Diário do Governo*, guardam, com fé inquebrantável, que mais sessenta supplementos as restituam à virgindade teimosa, e à vida resistente que as anima, por terem nascido mortas.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

## TEIXEIRA LOPES

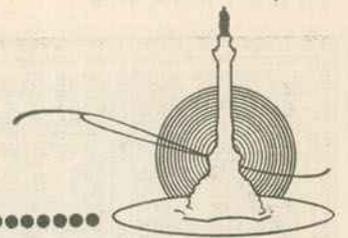
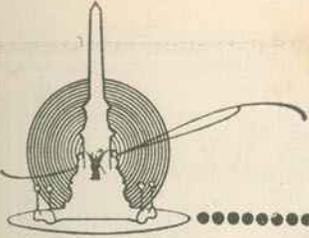
Do seu atelier de Vila-Nova de Gaia, quantas as obras-primas saídas, filhas do seu génio criador, que, pertencendo a uma dinastia de estatuários, teve Soares de Reis, o grande e malogrado artista, a guiar-lhe os passos primeiros? Desde *Latim*, com que se apresentou no *Salon*, há mais de trinta anos, até aos mais recentes trabalhos do seu cinzel, que esplêndida galeria essa, com os adoráveis mármores de *Bambinos* e com tantos monumentos de admirável concepção, como a estátua de Eça de Queirós, que aformoseia uma das praças de Lisboa!

Como iconista em madeira, na escultura policroma, Teixeira Lopes produziu, entre outras, a maravilhosa imagem conhecida pelo *Milagre das Rosas*, que reproduzimos em *hors-texte*.

Teixeira Lopes viu, há pouco ainda, o seu talento consagrado pela França, que o nomeou membro do Instituto, de tão elevadas tradições e onde não obtém assento senão os maiores Artistas.

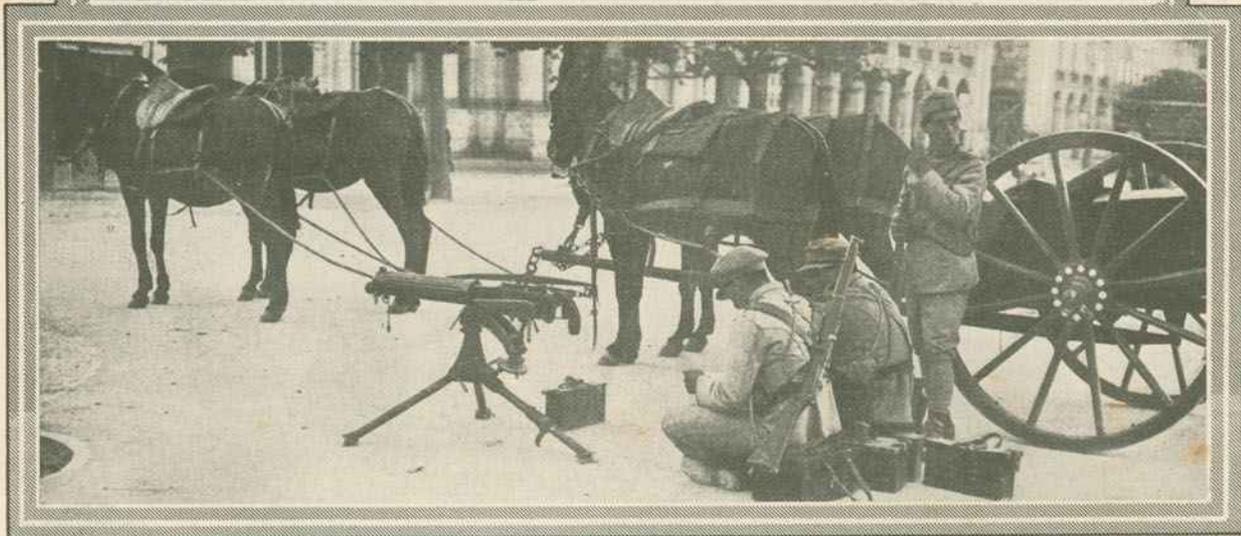
A *Ilustração* somente publica os originaes solicitados.

LISBOA



(Clichê de Serra Ribeiro, expressamente feito para a Ilustração)

O SR. GENERAL MANUEL DE OLIVEIRA GOMES DA COSTA, QUE ASSUMIU A PRESIDÊNCIA DO GOVÊRNO EM SUBSTITUIÇÃO  
DO SR. COMANDANTE JOSÉ MENDES CABEÇAS JÚNIOR



Hora bendita: os soldados que ficaram no Terreiro do Paço, comendo o rancho. — Com a tropa não se brinca: um automóvel aprisionado, por ter desobedecido às suas ordens. — Para o que dê e vier: um grupo de metralhadoras, no Terreiro do Paço, assostadas para a Rua do Ouro



A chegada do sr. general Gómez da Costa ao Ministério do Interior: a multidão aclamando o novo presidente do Governo. — A escolta de cavalaria que o acompanhou ao Terreiro do Paço, fazendo evoluções em volta da estátua de D. José. — No medalhão: O sr. coronel Raúl Esteves, um dos dirigentes da nova situação, acompanhado de diversos oficiais sob o seu comando

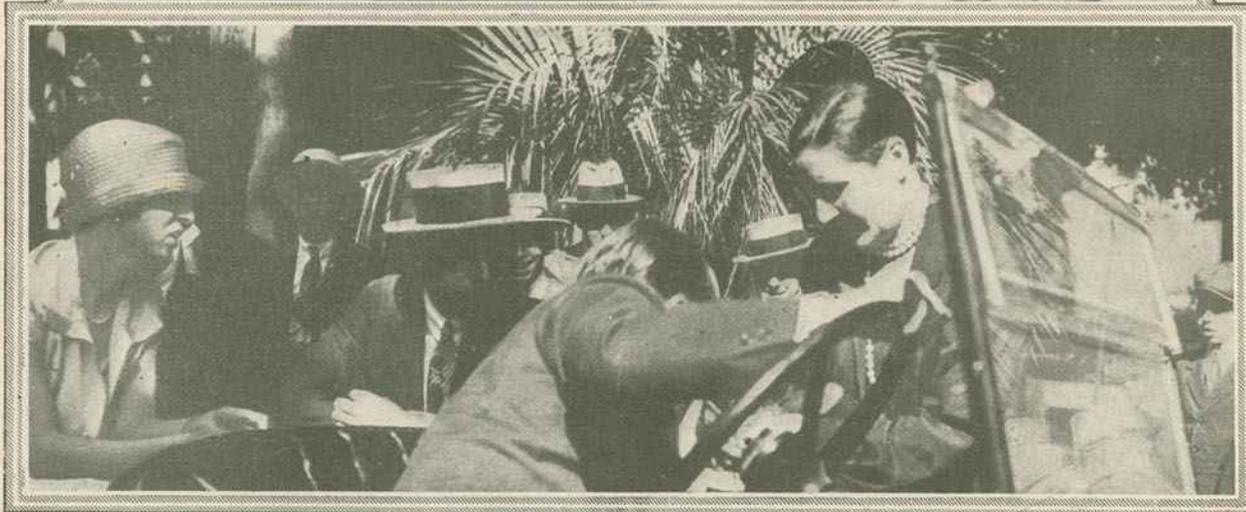
SOCIEDADE ELEGANTE



Na deslumbrante «verbeira» efectuada, com fins de caridade, nos terraços do Palácio Fronteira, em Benfica, na noite de S. João: alguns pares dançando. — Grupo de senhoras da Comissão que organizou essa festa, com os ares. D. António Cañero, D. Alexandre Mascarenhas e Eduardo Perestrelo, que tomaram parte na tourada realizada, na mesma noite, no staidadero do Palácio. — As senhoras que cooperaram nos côros executados no sarau em favor da *Hora de Arte*, que, na noite de 19 do corrente, se realizou no Teatro de S. Carlos. Ao centro, vê-se o maestro Francisco de Lacerda. — Aspecto da assistência à festa que os alunos da 7.ª classe do Liceu de Pedro Nunes promoveram para despedida do curso

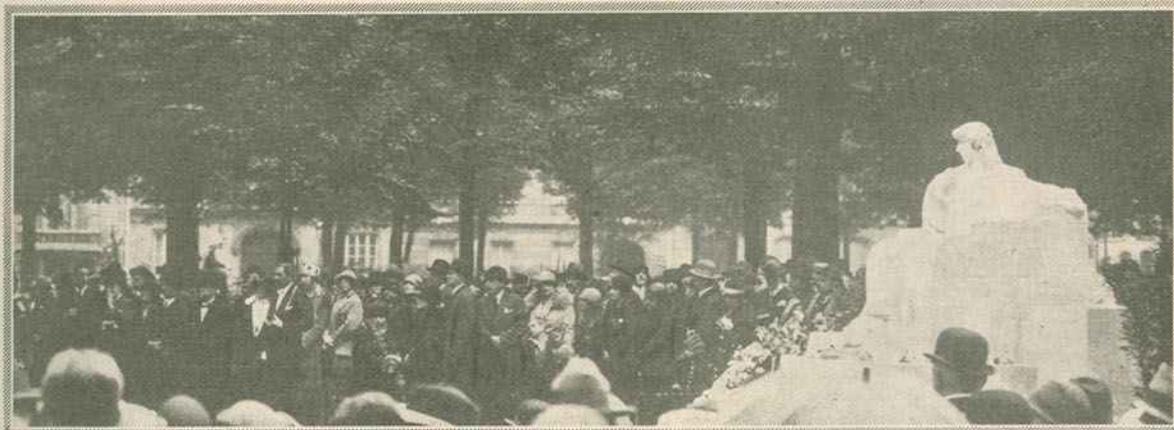


Aspecto da V. Exposição de Automóveis, organizada, no Palácio de Cristal, pelo Automóvel Club de Portugal. — O júri da *gymkhana* de automóveis realizada nos jardins do Palácio: os srs. Beauvalet, Eduardo Rosa e Carlos Novais. — A comissão de senhoras que promoveu, com intuíto caritativos, essa *gymkhana*. Do grupo fazem parte as sr.<sup>as</sup>: D. Alexandrina Peres P. da Silva, D. Fernanda Vanzeller, D. Cândida Sá e Melo Moreira, D. Henriqueta Cyrne de Melo, D. Amália de Castro de Lima, D. Ermelinda R. T. Allen, D. Carolina da S. Monteiro e D. Ernestina da S. Monteiro etc.

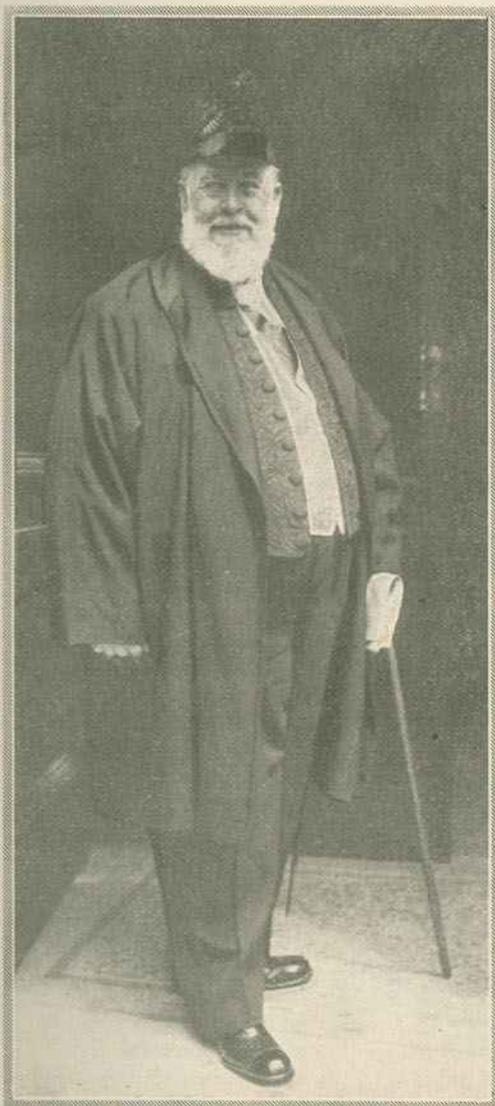


Um aspecto da assistência à mesma *Gynkhana*. — Os srs. Artur Mimoso e D. Justite Maggioli no carro Citroën; que ganhou o 1.º prêmio. — Uma das mais interessantes fases do certame: a sr.ª D. Maria dos Prazeres Ochôa (Condessa de Bettencourt), o sr. João Bettencourt e esposa, na prova do acender do charuto

## E S T R A N G E I R O



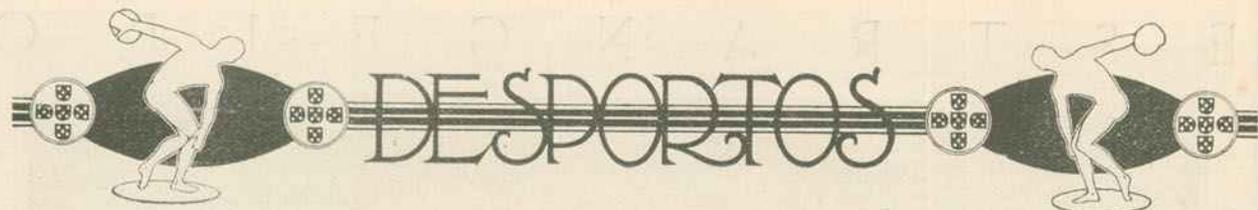
PARIS. — A cerimônia da inauguração do monumento erguido na Praça Malesherbes, em glória da célebre artista da scena franceza, Sarah Bernhardt



Albert Besnard, grande nome na pintura da França contemporânea, e também escritor brilhante dos livros *Homme en rose* e *Souvenirs de l'Académie de France à Rome*, que tomou agora posse do seu fauteuil na Academia Francesa



Magestade, a Rainha de Espanha, a quem o Governo francês acaba de agradecer com a Grã-Cruz da Legião de Honra



DESPORTO NÁUTICO

O Club Naval de Lisboa, antiga agremiação desportiva a quem os desportos náuticos devem uma grande obra de propaganda, realizou há tempo a inauguração de um novo barco escola cujas fotografias reproduzimos nas nossas gravuras.

Este barco, mercê dos dispositivos especiais que possui, pode ser utilizado para escola de natação, remo e vela e vem assim contribuir para o aperfeiçoamento da instrução destes três desportos náuticos.

ESGRIMA (A TAÇA-LANCHO)

Realizou-se no Grémio Literário a disputa desta taça, que foi ganha este ano pela equipe do Centro Nacional de Esgrima. Estavam inscritas mais duas equipes, a da Sala de armas Carlos Gonçalves e a da Escola de Esgrima do Exército.



Aspectos do novo barco escola do Club Naval



A equipe vencedora da taça Daniel de Oliveira, cuja disputa se realizou ultimamente, composta pelos atiradores F. Vilhena, A. Lima e A. Lopes

Esta última foi derrotada pelas duas outras equipes respectivamente por 20-5 e 23-2.

Estes números traduzem bem a superioridade das equipes civis sobre as militares.

O encontro entre a equipe do Centro e a da Sala Carlos Gonçalves decidiu pois do resultado final da prova.

E lamentável que esta última equipe tenha abandonado a prova durante a sua disputa, a pretexto de incompetência por parte do júri.

Melhor seria não ter aceite da entrada a constituição desse júri se entendiam que não estava à altura de desempenhar as suas funções com a devida competência.

Este assunto, formação de um júri competente, tem já por várias vezes sido a causa de muitos incidentes.

Daqui chamamos para este caso a atenção da Federação Portuguesa de Esgrima afim de evitar que estes factos se repitam, o que só vem prejudicar o desenvolvimento da esgrima no nosso país.



Campeonato automobilístico dos artistas teatrais.    
M.<sup>me</sup> Palma, vencedora desta prova realizada ultimamente em Paris 



O tenente Horet, do exército francês que realizou o raid Paris-Milão a bordo dum avião com motor de 10 H. P.



Um Instantâneo, de Suzanne Lenglen, vencedora dos campeonatos internacionais de tennis, em França



O avião Breguet em que Pelletier d'Oisy e Carol encetaram o raid Paris-Tôquio

# MARTA

a RAÚL BRANDÃO

FATIGADA das noites perdidas à beira do marido, Marta tinha envelhecido ainda mais. O rosto estava socavado e exangue: sôbre as fontes o cabelo fizera-se grisalho. E enfiada num escorrido vestido preto de sarja, os cabelos arripiados para a nuca, lívida como um cirio e calada como uma sombra, a pobre dir-se-ia já uma viúva esquelada consumindo-se nos desesperos silenciosos e corrosivos da solidão e do monte-pio. Havia

— Posso estar enganado! A visão clínica, já o dizia Trousseau...

Desde então o relógio da casa de jantar, batendo o seu incessante tique-taque, era, nos intervalos em que o enfermo não tossia, o único sinal de vida naquela casa que dir-se-ia o esconderijo de dois fantasmas. Da rua solitária apenas pela manhã vinha o telintar frouxo da carroça do lixo e do patamar da escada, muito cedo, o chocalhar das bilhas quando chegava a rapariga que ia vender leite à sobre-loja. Passavam-se horas sem que uma voz de pregão animasse a rua deserta. Nos seus chinelos de corda Marta e a velha criada deslisavam sem ruído. Na véspera, como o sr. dr. Mendes Pontes, ao despedir-se, já na porta, trivesse exclamado

se mostre muito triste. Ele repara em tudo e affige-se.

Enquanto a amante, sentada à cabeceira do enfermo o contemplava em silêncio, Marta arrumava frascos, ia e vinha, sem fazer ruído. Por volta das oito horas, à chegada do sr. dr. Mendes Pontes a rapariga retirou-se para a saleta contigua, fazendo menção de sair. Chovia a potes.

— Está a chover imenso! — disse-lhe Marta docemente. — A senhora vai adoecer se se mete a esta chuva. E o carro está tão longe... Porque não fica esta noite aqui a fazer-lhe companhia?

A rapariga balbuciou. «Não, não, muito obrigada. Não tenho o direito... A senhora já fez muito abrindo-me a porta da sua casa e consentindo que eu viesse vê-lo. Perdôe-me!» Marta insistiu. E como o doente começasse a tossir, a rapariga resolveu ficar. Um *couvre-pieds* aconchegou as duas criaturas durante a noite, que passaram à beira do enfermo, sentadas no mesmo sofá, quasi sem dizerem palavra, alumiadas pela mesma mortícia claridade da lamparina de azeite posta diante da imagem de Nossa Senhora das Dôres. Ao romper d'alva, como o enfermo, após um terrível acesso de tosse ficasse prostradissimo e o seu *facies* parecesse já o dum morto, com a barba crescida, na alvura do travesseiro, as duas mulheres puzeram-se a chorar silenciosamente. A distância, nos Loios, uma corneta começou a tocar a alvorada numa toada plangente que parecia entristecida pela chuva miudinha que caía como um pranto silente. E uma claridade esvaída entrou pela porta entreaberta. Arrastando os pés, toda friorenta, com um chale pelos ombros, a Jesuina veio saber se era preciso alguma coisa.

— Olhe Jesuina: aqueça um pouquinho de café para esta senhora e traga-o aqui. Eu vou lá dentro tomá-lo. E vocemecê tome também.

A velhota foi-se embora e Marta, compassiva, observou:

— Não ser como ela ainda se aguenta de pé. Coitada! Sempre a subir e a descer a escada p'ra tudo. Coitada! É quem me tem valido. E tudo pelo Fernando. Andou com ele ao colo...

De repente o enfermo pôs-se a resfolegar numa grande aflição. E na claridade que já enchia o quarto, como uma descolorida luz de subterrâneo, as duas mulheres ficaram aterradas quando a pobre velha, correndo à porta do quarto, gritou com os braços erguidos:

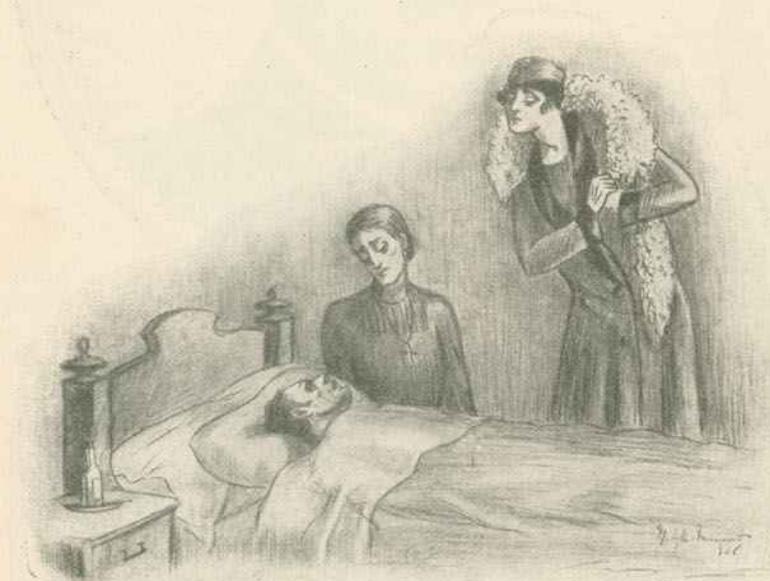
— Ai, minha rica senhora, que o doentinho está a decidir! É uma dor d'alma não ir já chamar o Nosso Pai...

Três quartos de hora depois chegava o sr. dr. Mendes Pontes, que a vizinha do lado tinha mandado chamar, a pedido de Marta, pelo filho pequeno — o que enchia de contas a lúpis as paredes da escada. Muito agasalhado no seu casacão, um *cache-col* à volta do pescoço, o sr. dr. Mendes Pontes pôs-se a descalçar devagar as luvas de lã na saleta da entrada.

— Então que há? — perguntou.

Marta disse como o doente passara a noite, as crises que tivera, as angustias do terrível acesso da madrugada — e as lágrimas começaram a cair em fio pelas suas faces lívidas.

Secamente o Dr. Mendes Pontes disse:



dezasseis dias que Fernando, chegando uma noite a casa tranzido de frio, a tossir e a queixar-se muito de uma pontada sôbre o lado esquerdo, estava estendido na cama, sem um indicio de melhora, antes de dia para dia mais mirrado, ardendo em febre, com ataques de tosse convulsivos e sufocações aflitivas. O sr. dr. Mendes Pontes, cofiando a barbicha, logo torcera o nariz ao doente, erguendo com solenidade um prognóstico erriçado de vocábulos exquisitos:

— Se se tratasse duma inflamação geral em que a diagnose acusa como determinante o pneumobacilo de Friedlander... Mas não! Infelizmente, temos na nossa frente, com todos os sintomas clássicos, uma pleuro-pericardite agravada por lesões funcionais, de origem se não de natureza parasifilitica, interessando o funcionamento cardíaco. A dispnéia é muito grande, muito grande! A respiração está, de resto, tomando já um aspecto sincopal inquietante...

E sem concluir a frase, relanciando os olhos para a velha Jesuina, que estava à beira da senhora com uma expressão alarmada na máscara rugosa, rematara com um tregeito de modéstia encantadora:

que — «enfim, talvez o enfermo escapasse!» — Marta compreendeu que o marido estava perdido. Sem que elle desse por isso, Marta tirou então do toucador todos os *bibelots* e, com remorso do seu descuido, acendeu uma lamparina de azeite diante de uma estampa de Nossa Senhora das Dôres. À tarde, como duas lágrimas rolassem pelo rosto emaciado do doente e a sua expressão fôsse duma tristeza infinita, Marta, tomando-lhe as mãos afiladas, disse baixinho:

— Gostavas que te viesse ver uma senhora que tu conheces?

Ele pareceu abrir os olhos de espanto — e não disse nada. Outras duas lágrimas desprenderam-se-lhe dos olhos e rolaram devagar pelo rosto devastado. E silenciosamente beijou as mãos de Marta, que lhe disse:

— Ela vem cá logo.

Ao lusco-fusco, Carolina, de *gabardine* e um bicho à roda do pescoço, bateu de mansinho. As duas mulheres baixaram a cabeça cerimoniaosamente. E Marta, muito delicada, explicou:

— Como elle está muito mal não quis deixar de... Faz favor: é por aqui.

E antes de abrir a porta:

«— Só peço à senhora uma coisa: é que não

— Faça favor de abrir a janela. Assim não vejo nada

A cabeça de Fernando, enterrada no almofadão, parecia uma nódoa esverdeada. Os olhos, semi-cerrados, eram já como os dum cadáver. O sr. dr. Mendes Pontes examinou-os, puxou mesmo pela pálpebra direita, tomou o pulso magro do enfermo e ficou-se a olhar muito para o doente, que conservava os olhos quasi velados e estava imóvel e rectilíneo sob a roupa. Depois, erguendo o busto, sem encarar as duas mulheres, que o espiavam com ansiedade, atirou estas palavras:

— Estava a pensar em dar-lhe uma injeção. Mas — tenha paciência! — não vale a pena... *Egredia res est, mortem condiscere.* São palavras de Sêneca, minha senhora.

E indicando o doente com os olhos:

« — Não deve chegar à noite.

Efectivamente não chegou. Às duas horas o enfermo entrou na agonia. A respiração tornou-se quasi imperceptível. E às três e um quarto, quasi sem estertor, tendo apenas gaguejado algumas palavras ininteligíveis, exalou o último sopro. As três mulheres, então, passada a primeira crise do choro, vestiram o cadáver, arrumaram o leito, dispuseram as coisas. Marta pôs-lhe as mãos crusadas sobre o peito. Carolina foi à jarriinha onde emurcheciam duas rosas e desfolhou-as sobre o morto. E Jesuina, tóda em lágrimas, acendeu dois castiçais sobre a cómoda onde ainda se viam frascos de remédios e um Cristo de marfim, numa cruz de ébano, erguia na penumbra do quarto a visão do Calvário. Entretanto, avisado do falecimento, o primo Eduardo tinha ido à agência funerária tratar do enterro e encomendar o caixão, que só chegou por volta das oito horas, quando já a saleta estava repleta de senhoras de preto coixando no canapé e nas cadeiras forradas de lino. Colocado o defunto no caixão, armada na sala de visitas a câmara ardente, os homens da agência retiraram-se.

— Às três horas. Perfeitamente! Podem ficar descansados. Às duas e meia está aqui o coche e a berlinda. Não, senhor, não falta.

E com um sorriso:

« — A casa é séria e não quer fregueses só para uma vez...

No dia seguinte, quasi à hora do funeral, enquanto o primo Eduardo explicava à viúva que fôra elle quem pedira nos jornais que publicassem o retrato do falecido e conseguira que as notícias saíssem bonitas, D. Miquelina Santos, a que morava no primeiro andar e tinha a mania de deitar cabeças de peixe aos gatos do sítio, no vão duma janela, sufocada de repulsa, dizia a uma menina de olhos sonhadores, que viera em cabelo, tóda cingida num casaco de pelúcia:

— Mas quer saber o pior, menina Ema? Eu até me benzo! O estafermo da amante está aí! Veja que vergonha. Não viu uma seressa, uma loira, que estava ali no quarto de costura, muito comprometida — exactamente, essa mesma! — com uns enfeites verdes no vestido? É essa, é essa!

Tornou-se a benzer. E muito cheia de dignidade:

« — Sabe a menina donde vem todo êste relaxe? Da falta de religião... Ainda na terça-feira, no mês de Maria, em S. Vicente...

Mas a menina Ema ficou pensativa, como se fôra uma revelação extraordinária aquele estranho caso de duas mulheres que, sob o mesmo tecto, vinculadas pela mesma dor, choravam sobre o cadáver do mesmo homem que ambas haviam amado, duma forma talvez diversa, mas — quem sabe! — igualmente sincera e profunda. Tinha parado de chover. A rua estava enxovalhada de lama. Apenas uma mulher pobre e descalça descia a ladeira com um pequenito encolhidinho no chale. Na água-furtada do prédio vermelho, com a janela aberta de par em par, o estudante das patilhas fumava em mangas de camisa. Era simpático aquele rapagão moreno, com os seus grandes olhos negros que queimavam como carbúnculos a epiderme das raparigas — quando as fitava. Mas tinha um ar tão estroina!

Nisto altos choros estalaram. E ouviu-se uma martelada. D. Miquelina Santos, em alvoroço, puxou pelo braço da menina Ema:

— Sempre quero ver se a figurona chora!

Na penumbra da pequena sala, onde a atmosfera, pesada e cálida, estava saturada do perfume das flores amontoadas sobre o morto, abeirado dum castiçal, o padre, um de óculos, com grossas mãos de tendeiro, abria o breviário para resar a encomendação. Todos se ajoelharam menos o Saavedra da Alfindega. Por momentos, a longa-lenga do sacerdote «fazendo o despacho do defunto» — como, com ironia, o Saavedra estava roncando ao ouvido do major Moreira — sublinhada pelos *amen* do sacristão, entreteve a assistência. O morrádo das velas, de vez em quando, dava um estalido sêco. Quando o prior fechou o breviário, dirigindo-se logo para a porta, um sujeito magro, muito hirtto, muito solene, disse com gravidade olhando de soslaio o Saavedra:

— A religião é e será sempre uma grande força. Ainda que a fê me falecesse — e Deus me resguarde dessa fatalidade! — o meu espirito haveria de curvar-se respeitoso ante a grandeza d'êstes símbolos augustos...

— Fantochadas! Fantochadas! — regougou o Saavedra.

Ninguém, porém, ouviu a blasfêmia, arrebatados todos pelo interesse da scena final. Uma senhora nutrida, numa voz autoritária, perfurando o sussurro das vozes, intinou:

— Levem-na daqui! Levem-na daqui!

O corredor era estreito. Os homens da agência, com as farpelas pretas sujas de lama, endurecidos na faina de carregar mortos, falavam em voz alta:

— Arreda p'ra êsse lado, ó azelha! Assim, assim vai...

— Cuidado com as argolas.

— Não há novidade, *sôr* Gomes.

E o caixão foi pela escada abaixo. Na rua rodaram carruagens, telintaram guisos. A casa tinha-se esvaziado de cavalheiros. Só as mulheres, sorvendo as derradeiras emoções do espectáculo, se iam deixando ficar. Na casa de jantar, entre a velha Jesuina, que Marta não deixara que fôsse a pé, atrás do fêretro, e a

D. Octavia, amarrotando um lenço nas mãos magras, Marta dizia entre lágrimas a Carolina: — Minha senhora: não lhe quero mal. Se o amou...

E depois duma pausa:

« — Eu não valho nada. Sou uma pobre mulher que sofre e em que ninguém repara. O que fiz não teve nenhum mérito. Obedeci ao que mandava a minha crença. Sou cristã. Não sei se a senhora... O meu destino era sofrer. Sofri. E Deus sabe se sofri!... Fiz apenas o meu dever, fiz apenas o meu dever. Elle era meu marido. Agora que elle está morto posso dizê-lo: amei-o, sempre, sempre, sempre! Fernando era bom.

Calou-se. Duas lágrimas deslisaram-lhe pelas faces. Depois continuou:

« — Fui casada dez anos. Os meus primeiros dois de casada parecem-me um sonho, tão feliz eu fui. Depois... Mas não o recrimino. Depois, alegrias e consolações só as que me deram sempre a obediência ao meu dever e a consciência de não ter sido jamais, ainda que pecadora, uma mulher indigna. Ah! minha senhora! Não se foga ao destino. Vi meu pai morrer de desgostos. Era eu pequenita. Minha mãe, cercada de filhos, mirrou-se de dor. Tive de deixar os estudos. Tudo se empenhou. Conhecemos a pobreza depois de termos gosado todo o bem-estar... Quando conheci o Fernando julguei que entontecia. Quando se é infeliz, uma afeição como a que nos fez casar, parece o Geu que se abre aos nossos olhos! Depois...

As três mulheres escutavam-na comovidas. Marta, agora mais calma, continuou:

« — Não fui superior à minha condição de mulher. Conheci o ciúme. Foi horrível! Elle quis sempre iludir-me. Nem uma noite só elle ficou fora de casa. Por delicadeza, já se vê. Compreendi e resignei-me. Que havia eu de fazer?

Calou-se. Duas lágrimas deslisaram-lhe pela face. Das trazeiras vinha uma voz de rapariga cantarolando:

*Vem, vem junto a mim*

*Dá-me o calor da tua mão...*

Depois disse:

« — Que havia eu de fazer? Fui sempre uma criatura doente. O sofrimento fez-me velha antes de tempo. E o pobre Fernando procurou a mocidade, a frescura que eu cedo perdi... Compreendi e resignei-me. Que havia eu de fazer? Deus não me quis dar filhos, mas deu-me forças para amar o meu marido como uma mãe...

A voz da D. Miquelina guinchou no corredor: «Onde está a D. Maria? Onde está a D. Marta?»

Carolina disse então pondo-se de pé:

— Perdôe-me! Peço-lhe que me perdôe. Agradeço-lhe do coração, mas creia: eu não sabia, quando nos conhecemos, que elle era ca...

Mas Marta, interrompendo, rogou:

— Não o censure.

E abrindo os braços dêbeis com um sorriso triste:

« — Porque não havemos de ser amigas para sempre?

BOURBON E MENESES.

(Desenho de Helena de Bourbon e Meneses.)



# Feminina



## O TRIUNFO DAS RENDAS

As rendas venceram, por fim! Bem tentou a moda esquecê-las, bem as repeliu para o fundo dos gavetões atulhados de velharias desdenhadas a ingratidão da vaidade feminina. A hora do desfôrço soou, e as rendas, as desprezadas rendas a que o *chic* das nossas avós

peles enquanto que outras mais simples, de georgette ou mousseline plissada se conjugam com um bolero de renda.

Este ano, a moda mostra-se decididamente empenhada em alindar a mulher, envolvendo-a na leveza das rendas e na ondulação suave dos plissados.



tanto deve, reaparecem triunfantes na vanguarda das elegâncias requintadas em que a moda actual capricha.

Empregadas em folhos mais ou menos largos, entremeadas com *mousseline* de seda lisa franzida ou pregueada, segundo o capricho do modelo a copiar, — as rendas finas, de seda preta, metálicas, tintas em cores diversas, são largamente empregadas nas toilettes de cerimonia ou visitas.

Para maior requinte de elegância, estas toilettes completam-se com *manteaux* feitos inteiramente de renda e guarnecidos com

## A ARTE DE DISPOR FLORES

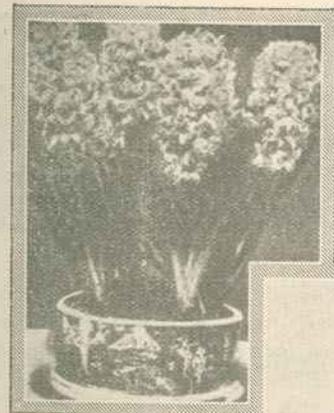
contê-las. A côr e a forma da floreira ou jarra, contribuem muito para a valorização das flores, assim como a escolha do local onde devem ficar expostas.

Imaginemos, por exemplo, que pretendemos dipor um ramo dessas belas flores amarelas que ignoto poeta apelidou de *Maravilhas*. Recolhêmo-las em ramo sôlto armado com preconcebida negligência, umas, de pés mais curtos, outras ousadamente mais altas, como que a pretenderem fugir do grupo, — e destinâmo-las a uma floreira baixa e larga de porcelana vermelha bem rubra, salpicada de pastilhas amarelas, que colocaremos assimetricamente sôbre o piano. O efeito é flagrante: o amarelo doirado das flores e o tom rubro da floreira, destacaram em notas vivas de côr e vida sôbre o negro brilhante do móvel.

Mas, temos agora umas rosas silvestres, colhidas despreziosamente por capricho, ao longo de ericadas balsas. São frescas, viçosas, delicadamente coloridas, e guardavam consigo a recordação enternecedora dum incidente que o coração registou. Ah! não as desprezaremos, não, que o plebeísmo da sua origem em nada amotece a sua graça delicada. E sem constringermos a liberdade bravia das hastes floridas, acomodá-las-hemos sem pretensões de estética convencional numa jarra de faiança verde, em forma de ânfora. E assim as colocaremos a um lado da nossa mesa de trabalho.

E a um braço de rosas ainda orvalhadas que nos chegam dos jardins; que faremos? Oh! é simples o problema. Temos à mão uma linda *corbeille*, colocamos-lhe no fundo um tabuleiro alto cheio de água ou areia húmida — o que seria preferível, — guarnecemos-la prontamente com as rosas e folhagens policromas e vamos depô-la no centro da mesa de jantar, sôbre a alvura da toalha e as rendas delicadas dos *napperons*.

Também uns lírios ou junquinhos com que nos presentearam, ficarão admiravelmente instalados numa floreira baixa de cobre doirado, onde as conservará a areia húmida de que está cheia. Assim preparada, a nossa severa floreira de cobre tomará um aspecto bem garrido sôbre uma pequena mesa da nossa sala de receber.



QUANTA alegria, quanta frescura e secreto encanto irradiam dum simples ramo de flores!

Basta que umas mãos hábeis, guiadas por intuitivo sentimento artístico, coloquem, aqui e além, algumas hastes floridas, viçosas, frescas como o orvalho das madrugada estivas, para que logo no interior da casa, seja ela a mais modesta e desprovida de adornos decorativos, ou palácio opulento atulhado de preciosas alfaias, se desdobre uma aura de bem estar, de grata satisfação, de subtil enlêvo espiritual, de que a alma e os olhos compartilham em tática comunhão.

As flores! Amigas dilectas do Espírito, inspiradoras atentas da Arte, colaboradoras prodigiosas da Beleza! Quem poderá negar-lhes oculta magia, poder maravilhoso para velarem sob a estilização dos seus caules frágeis e perfumados, as fealdades monótonas e desgostantes da Vida!

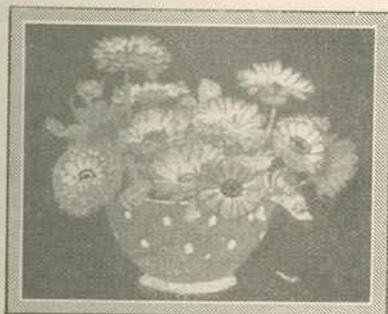
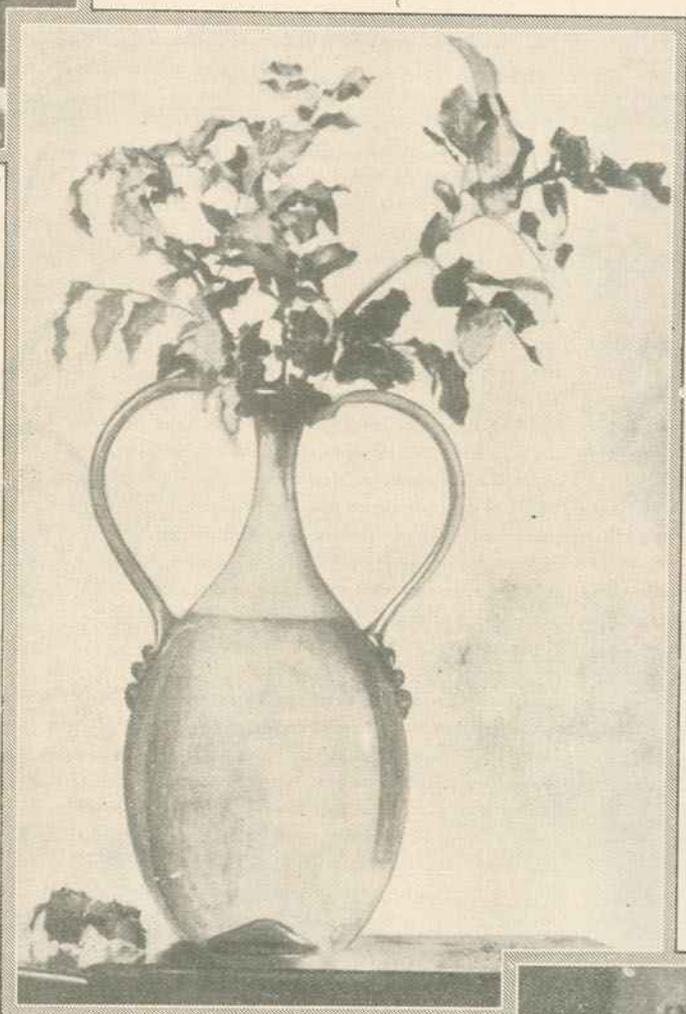
Assim se compreende que as busquemos sôfregamente para companheiras, reservando-lhes no nosso lar lugar de honra carinhosamente escolhido, quer elas devam perfumar o ambiente em que a nossa inteligência e o nosso coração evoluem, ou abrirem passagem suave ao nosso espírito, quando, finda a sua missão terrena, pretende romper as crôstas duras da realidade material e galgar o espaço, direito no Infinito, a conseguir a paz final.

Mas se as flores, por si mesmas, são magníficos elementos decorativos, isso não desobriga a nossa inteligência, a nossa sensibilidade artística, de lhes preparar o máximo realce, de lhes pôr em evidência o máximo valor.

E para isso pouco é preciso.

Em primeiro lugar evitaremos agrupá-las sem prévia selecção de gêneros e côres; em segundo, teremos a prudência de fugir cuidadosamente a dispô-las com fatigante e pesada simetria. É tão desagradável ver umas pobres flores comprimidas, esmagando-se, formando bloco policromo e metódicamente simétrico na impetecabilidade da sua órbita circunferente!

Mas, além da selecção inteligente das flores, ainda se nos impõe uma outra condição de bom gosto, para que o conjunto da disposição resulte feliz: a escolha do recipiente que deve





# VIDA SCIENTÍFICA



## A PEÇONHA DAS ARANHAS

A peçonha verdadeiramente de temer para o homem é a das serpentes. Na Índia, onde as grandes feras abundam mas onde também as serpentes peçonhentas não são raras, morrem empeçonhados em número dez vezes maior do que o número de indivíduos que sucumbem entre as garras dos animais ferozes. De aí provém o horror que aqueles reptis inspiraram, o qual, através sucessivas gerações, se transformou em respeito e, por fim, em adoração. Siva, o deus do mal da trindade indiana, é muitas vezes representado sob a forma de serpente, e as estátuas colossais do templo de Elefanta têm nas mãos e enroscadas no corpo enormes serpentes de pedra.

Mas nem só entre as serpentes há animais peçonhentos. Têm peçonha as vespas e as abelhas, e por isso a sua picada é dolorosa e inflama os tecidos. Têm-na igualmente várias aranhas. Uma destas, a tarântula, adquiriu nomeada, que lhe vem dos tempos de Plínio, como sendo extremamente peçonhenta. A realidade não é, po-

A peçonha das aranhas forma-se em glândulas que têm seu canal excretor, de modo que ela é inoculada nos tecidos lesionados pela mordedura. O seu efeito é fulminante sobre os insectos que se prendem nas teias e constituem alimentação para o animal. Como as teias são também produto de glândulas, pois são feitas com fios que resultam da solidificação, ao contacto do ar, de um liquido que a aranha segrega, vê-se que a existência da aranha está ligada ao funcionamento dos seus aparelhos glandulares — secreção para formar a rede de caça; secreção para reduzir à impotência o insecto que se envolveu na teia.

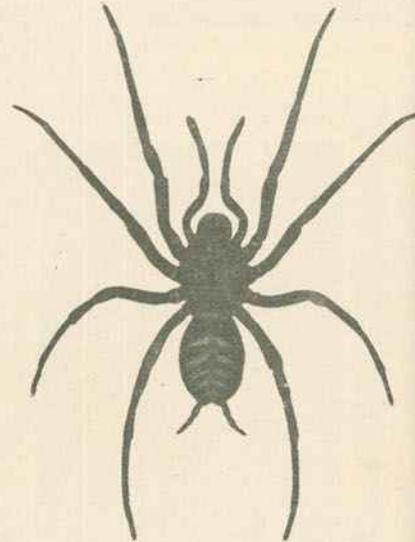
Há aranhas que constroem duas teias, uma que lhes serve de habitação, outra que é a rede estendida aos insectos descuidados, comunicando as duas por alguns fios. Então, quando há presa nesta última, o seu escabujar transmite movimentos à teia-habitação, e a aranha é advertida de que tem caça na rede. Há, porém, quem pense que a aranha ouve o zumbido do insecto, e uma observação recente vem em apoio dessa hipótese:

Trata-se duma grande aranha da Africa Oriental, que levaram para o Jardim Zoológico de «Regent's Park», em Londres. Fôsse estranhar do clima, fôsse saudades da terra pátria, a aranha decidiu-se a não comer. Lembrou-se então um jovem sábio de fazer vibrar, perto dela, um diapasão cujo som imitava o zumbido da mosca presa na teia. Logo a aranha começou a alimentar-se e a tomar gosto à vida, chegando a caminhar pelas mãos do seu tratador para agarrar a presa que elle lhe oferecia.

Nem todas as aranhas são peçonhentas para nós, e as peçonhas de algumas delas não nos causam mais do que irritações da pele com ou sem prurido, pelo simples contacto. Noutras regiões encontram-se aranhas capazes de nos fazer maior dano. No Instituto de Butantan, em S. Paulo, têm feito estudos sobre essas peçonhas, quanto às lesões que elas podem determinar, quanto às espécies produtoras de peçonha e quanto ao tratamento daquelas lesões.

Para a mesma espécie de aranhas, o efeito da mordedura varia com o estado do animal que, como se compreende, pode ter as glândulas repletas ou esvasiadas, com a temperatura e outras circunstâncias. Mas tem sempre as mesmas características dependentes da aranha especial de que se trata. Assim a peçonha da *Lycosa raptoria* tem forte poder necrosante, como mostra a larga ferida da figura que representa uma

doente tratada no Instituto de S. Paulo. Estas feridas são largas, profundas e extremamente lentas de cicatrizar. Pelo contrário, as peçonhas



Uma grande aranha peçonhenta, a *Trachoma venenosa*.  
(A figura representa meia granjeza natural)

das aranhas do género *Ctenus* actuam exclusivamente sobre o sistema nervoso, dando origem a dores violentas, convulsões, mais tarde paralisia e perturbações cardíacas. Podem mesmo causar a morte a crianças de tenra idade.

Para tratamento das mordeduras de aranhas prepararam-se no Instituto brasileiro de Butantan soros anti-peçonhentos especiais. O processo consiste em injectar repetidas vezes quantidades pequenas de peçonha em certo animal. Passado tempo, este resiste à acção de doses fortes da mesma peçonha, e o seu soro transmite essa resistência ao individuo em que é injectado.

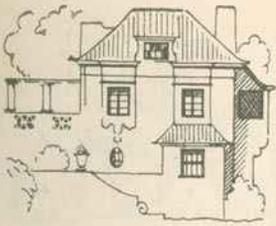
Há, porém, uma complicação que consiste em ser o soro preparado com uma certa peçonha inactivo para peçonha de aranha de outra espécie. Assim uma injeção de soro activo relativamente às aranhas do género *Ctenus* não o é para com a *Lycosa raptoria*.

No nosso país não há aranha cuja peçonha devamos recear, e mesmo, como animal peçonhento, só a víbora merece que a tomemos em consideração. Por isso chamamos víboras a essas pessoas fadadas pelo adverso destino para maldizerem e enlamearem a tudo e a todos.

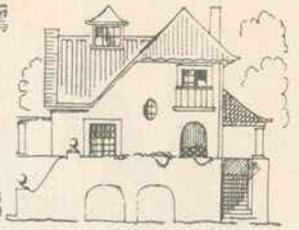


Ferida consecutiva à mordedura de uma aranha brasileira, a *Lycosa raptoria*

rém, não feia como a lenda, e as mordeduras da tarântula, embora tragam dor viva e tumefacção dos tecidos, mesmo vômitos, ansiedade e dores nas articulações em alguns casos, não trazem perigo de vida nem de doença persistente.



## A CASA PORTUGUESA



QUINTA DO ARMADOR  
ARREDORES DE LISBOA



DESPREZADA E MEIO-ARRUINADA, É AINDA MUITO GRACIOSA ESTA CASA QUE NA SUA SIMPLICIDADE TEM AQUELE AR BIZARRO E ACOLHEDOR CARACTERISTICAMENTE PORTUGUÊS E DE QUE TANTAS VEZES CARECEM AS NOSSAS MODERNAS HABITAÇÕES. DOIS LANÇOS DE ESCADA, CURVOS-SIMÉTRICOS, DÃO ACESSO AO TERRAÇO EM COMUNICAÇÃO COM AS PRINCIPAIS DIVISÕES DO ANDAR NOBRE. A MELANCOLIA QUE O ASPECTO ABANDONADO DESTAS VELHAS MANSÕES SEMPRE DESPERTA É NESTE CASO ATENUADA PELA NOTA ALEGRE, VIVAMENTE COLORIDA, DO AZULEJO POLICROMO QUE ADORNA ESCADA E TERRAÇO, E PELA TINTA RUBRA DA MANSARDA; MAS, DA SOMBRA DO SÍCMORO À FRENTE DA CASA — COMO NUM SUSPIRO DE SAUDADE — DIZ-NOS UMA VELHA LÁPIDE QUE

«A MUITO ALTA, MUITO PODEROSA E AUGUSTA RAINHA F. D. MARIA I NOSSA SENHORA, ACOMPANHADA DE SUA REAL FAMILIA VEIO A ESTA QUINTA DIVERTIR-SE NO PASEIO E SERVIR-SE DESTA CASA NO DIA 3 DE AGOSTO DE 1788»



**U**MA das fontes perenes de inspiração para os autores de argumentos e para os realizadores foi sempre o rico arquivo de lendas antigas, históricas ou à margem da história dos povos.

De resto, estes filmes são, por via de regra, intensamente comerciais e do gosto absoluto do grande público como das elites, se a realização foi perfeita e o realizador é um verdadeiro artista. Na península Hispânica, onde ainda não existe, na verdade, a indústria cinematográfica, existem algumas das mais belas lendas místicas e profanas do universo, bem como factos e figuras históricas duma tal beleza heroica ou religiosa, que prestariam essência bastante para uma vasta realização cinematográfica, elevadamente artística e grandemente comercial.

No capítulo que hoje nos ocupa, vejamos um punhado de belas coisas: Inês de Castro, episódio amoroso e trágico que todo

o universo conhece, pois a sua história corre impressa até... em chinês, O Duque de Viseu, Os Távoras, D. Fuas Roupinho e a Senhora da Nazareth, D. Sebastião e Alcácer, o martirizado Infante D. Fernando, D. João de Castro, Camões e a odisséia espantosa da sua vida, e tantas outras belas coisas, profundamente emotivas, cheias de cor, de movimento, de fotogenia enfim! No entanto, por sobre todas estas belas coisas, uma se me afigura ainda mais bela, a doce lenda das rosas, a vida da Rainha Santa Isabel, essas gentilíssimas páginas de ternura, de perfumada suavidade, que são quiçá as mais belas que jamais se escreveram em louvor duma flor de beleza e de pura bondade.

Aproveitando da lenda o que mais lendário fosse, conservando-lhe um gosto arcaico de auto ingênuo e cheio de misticismo, que lindo e ma-

ravilhosos filmes não seria aquele que seguisse, por exemplo, a obra delicada de António Patrício, dando-nos visões de água forte na cova dos leprosos, fazendo evoluir ante os nossos olhos, par a par, as litânias arroubadas do arrais e do lavrador, depois a luminosa figura da rainha, toda branca, cortando de beleza a lobreguês da fossa; logo a seguir, um friso de Goya, os mendigos à gradaria e depois o suave milagre das rosas, tão cheio de intenção cinegráfrica, duma perfeita fotogenia e depois ainda a paixão do rei-homem pela santa rainha; e o bobo, e o velho bispo de marfim enrugado, e as macieiras em flor, afogando em pétalas caídas toda esta maravilhosa lenda de primavera. Irrealizável no teatro, «Dimiz e Isabel» seria um dos mais belos filmes do mundo se fosse realizado em Portugal e por portugueses.

JOÃO FONSECA



Três graças... em Los Angeles. Da esquerda para a direita Constance Bennett, Joan Crawford e Sally O'Neil disputam a palma da beleza em «Sally, Irene and Mary» da Metro



Greta Garbo, vedeta dinamarquesa, estrela em  
«Torrents de Blasco Ibañez»



De cima para baixo: Bud Jameson, Al Alt, Dorothy Devore das comédias Century, mais em baixo ainda a célebre mascote americana «Felix the cat»



Paulina Starke e Charles Ray, um par completo, cujos talentos são explorados pela Metro-Goldwyn-Mayer



Uma fantasia coreográfica e scenográfica da fantástica Mae Murray no seu último filme «The Masked Bride» dirigido por W. Christy Cabanne

# COLÓNIAS PORTUGUESAS

## FOMENTO ECONÓMICO DE ANGOLA

**A**o escrevermos o nosso último artigo sobre *colonização*, frizámos nitidamente, que o problema de Angola assentava nos três elementos económicos: *terra, trabalho e capital*.

Referimo-nos já ao elemento *trabalho*, representado pelo braço do indígena e pelo do colono; vamos hoje ocupar-nos do elemento *capital*.

Não seria difícil averiguarmos o valor global dos capitais que actualmente se empregam em Angola, tanto mais que o período de estagnação em que aquela provincia se encontra, permitiria fazermos uma avaliação muito aproximada da verdade. No entanto, para o nosso rápido estudo não necessitamos de determinar tais cifras; basta-nos conhecer os seus efeitos.

Interessante será notarmos que a quasi totalidade dos capitais que em Angola actuaem, não vieram ali estabelecer-se no proposito de cooperarem com as actividades que dêles necessitavam. Não; são capitais originados na própria provincia, isto é, resultantes das primeiras exportações de produtos da região, obtidos fora das normas de uma exploração regular.

A essas primeiras exportações correspondeu uma primeira entrada de valores, diminutos, que permitiu o começo da exploração económica em bases regulares.

A pouco e pouco se foi desenvolvendo a exportação e, conseqüentemente, aumentando os recursos a aplicar no fomento da agricultura, da industria e do comércio.

Outra origem de capitais, que em Angola teve grande influencia, foi a do pagamento feito pelo Estado aos seus funcionários pelos serviços por estes prestados. Esse pagamento como retribu-



Mulheres indígenas... de categoria

ção de serviços, deu lugar a pequenas economias que, mais tarde, se foram aplicar na cultura da terra, ou no exercicio de algumas indústrias de preparação das matérias primas, ou no comércio.

Estas são as origens da maior parte do capital que em Angola actua. Além d'êste, apenas temos a contar com o de algumas empresas instaladas nos ultimos tempos, à custa de recursos estranhos à provincia e, finalmente, com os capitais fornecidos pelos bancos, ou, falando com mais propriedade, pelo Banco Nacional Ultramarino.

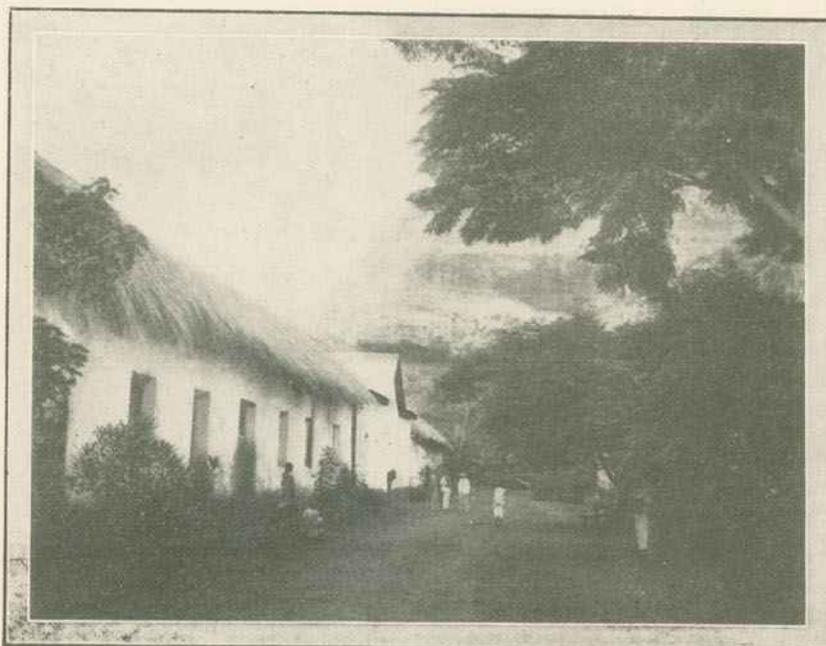
Compreende-se, porém, quão escassos serão os capitais obtidos por êstes três processos, relativamente à amplitude da obra que há a executar em Angola.

A occupação militar durou até 1918; após isso ainda continuou o período da falta de transportes, pelo que a occupação económica só começou a ter lugar, verdadeiramente, em 1919. Até lá há apenas umas ligeiras tentativas isoladas de exploração, segundo normas regulares. A partir dessa data inicia-se, porém, a exportação dos produtos acumulados durante a guerra e, com os capitais obtidos nessa exportação, instalam-se algumas importantes explorações agrícolas, algumas indústrias de preparação de matérias primas para exportação e desenvolve-se largamente o comércio com o indígena para aquisição dos seus produtos.

E nesta occasião que alguns capitais metropolitanos, atraídos pelo êxito inicial das empresas, vão colaborar em Angola, mas a medo, apenas como experiência.

Ao mesmo tempo o unico banco da colónia, confiado no successo de tôdas essas tentativas que surgem dia a dia, abre largamente o crédito, auxilia as empresas por tôdas as formas, empregando nisso não só os recursos de que dispunha a provincia, mas ainda outros que vai buscar fora dela.

Há um período de entusiasmo, de esperanças justificadas, que vai desde 1919 até 1923, período em que as exportações aumentam de uma maneira animadora. Para isso basta compararmos os números que representam essas exportações em 1914 (ano em que cessaram os transportes por motivo da guerra) e 1923 (ano de



Uma fazenda no planalto de Malange

maior desenvolvimento) apenas em referência a alguns produtos principais:

Açúcar.....	2.976.537	7.151.226	Kilos
Algodão.....	165.589	373.459	»
Café.....	4.458.387	6.031.699	»
Coconote....	3.976.743	5.701.824	»
Feijão.....	847.833	4.876.533	»
Milho.....	4.041.902	31.520.956	»
Óleo de palma	1.342.792	2.160.313	»
Peixe seco...	4.311.494	6.101.991	»
Diamantes...	—	91.493,13	Carats

É quando tôdas as esperanças estão prometendo um futuro de prosperidade para Angola, que surge em Portugal a crise geral e, como consequência, a desvalorização rápida e aterradora do escudo.

O efeito dessa desvalorização foi, em Angola, o de uma catástrofe.

Paralelamente à exportação que a província fazia dos seus produtos, havia a importação de todo o material necessário às instalações agrícolas e industriais, de todo o material indispensável aos caminhos de ferro e portos, tudo, enfim, quanto era necessário importar para um país novo, para um país que começava a fazer-se. Essa importação ultrapassava o valor das exportações, como inicialmente não podia deixar de ser e exigia, por isso, o auxílio constante de novos capitais que, embora a custo, se iam obtendo na metrópole, directamente ou por intermédio dos bancos.

Mas todos sabem que com a crise que em Portugal se estabeleceu, os capitais nacionais emigraram, fugiram para o estrangeiro: Logo, Angola não pôde obter nem mais um centavo dos capitalistas portugueses; o banco, pelo mesmo motivo, foi obrigado quasi completamente a negar quaisquer espécies de crédito; o governo de Angola esgotou todos os seus recursos; e, em consequência de tudo isso, a vida económica de Angola estagnou à espera de melhores dias, procurando resistir a uma *débacle* que está eminente se lhe não acodem.

E essa assistência tem sido até hoje estoica e mal apreciada pela Metrópole.

Nenhum auxílio têm obtido os organismos económicos de Angola, pois os 9.000 contos-ouro votados pelo Parlamento, se destinaram a solver apenas, compromissos do governo de Angola, muitos dêles solúveis na Metrópole ou no estrangeiro.

Uma política de desmoralização, de intriga, de calúnias, habilmente manejada por nações que desejam a ruína completa de Angola, para dela se apoderarem com o pretexto de que não temos possibilidade de a administrar e valorizar, rudemente tem atacado a colónia, procurando dividi-la e diminuir-lhe a resistência. Alguns colonos impulsivos e insensatos, estão inconscientemente, fazendo o jôgo dessas nações, alimentando uma campanha contra a administração do Estado e contra os bancos, desagregando, assim, elementos que conviria fortalecer e congregar para o combate da crise.

Os capitais estrangeiros não se aproximam porque guardam a ruína, para adquirirem por baixo preço o espólio duma grande e bela tentativa que, por desamparada, ameaça tombar desastrosamente.

Os capitais nacionais continuam egoística e anti-patrioticamente afastados de Angola, soçagadamente depositados nos bancos ingleses, auxiliando a prosperidade da Inglaterra em prejuizo do nosso país. E empresas possuidoras de ricas e vastíssimas concessões, que quando exploradas convenientemente se transformarão em filões de ouro, empresas como a Companhia do Amboim, a Companhia Agrícola e Pecuária de Angola, a Companhia do Cazengo, a Empresa Concessionária da Quissama, a Companhia de Cabinda e muitas outras, continuam à espera que capitais nacionais lhes proporcionem ocasião de entrarem numa larga e vastíssima exploração dos seus terrenos e das riquezas que elles encerram.

E de 120.000 quilômetros quadrados de terra pletoica de seiva, a maior parte jaz improduti-va, aguardando que o braço do homem os revol-

va, lhes lance a semente e lhes colha os frutos.

Eis a situação económica de Angola, situação que não pode continuar sem risco de ruína total. Como acudir-lhe? Vamos indicá-lo.

Consideramos como base do sistema que há a aplicar em Angola, no sentido de obter o seu fomento económico, estes três princípios:

1.º — Criação do crédito agrícola, exercido por via e com capitais do Estado.

2.º — Desenvolvimento do crédito industrial e comercial, concedendo-se aos bancos determinadas facilidades e garantias.

3.º — Criação de uma legislação perdurável e protectora que atraia os capitais nacionais e estrangeiros, incitando-os a virem até Angola auxiliarem a exploração agrícola, industrial e comercial.

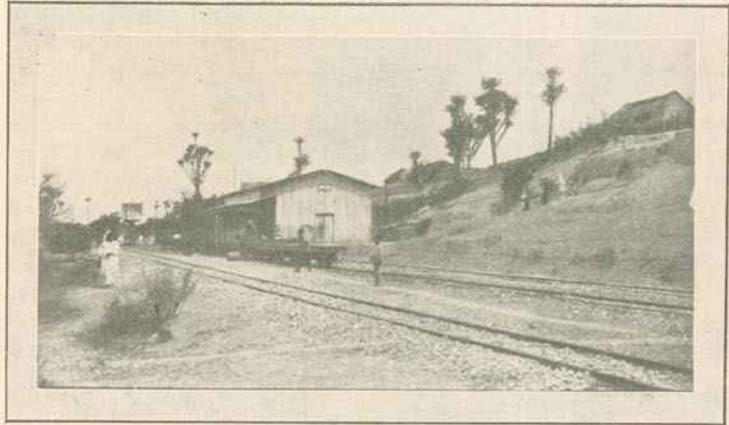
Paralelamente à adopção e realização destes três princípios, julgamos indispensável que sejam postas em prática medidas de outra natureza, é certo, mas que são necessárias para que o sistema que preconizamos tenha a desejada eficiência. Assim, haverá que modificar o regime monetário no sentido de lhe dar estabilidade

veitado e traduzir-se para o mutuado num auxilio, é preciso que o juro seja bastante reduzido e que não se exijam garantias que o agricultor não possa fornecer.

A garantia vulgar será a das próprias colheitas. E essa corre riscos tais, que nenhuma empresa particular os suportaria. Portanto, se a cessão do crédito agrícola tem que se realizar em condições que não representem para os capitais nêle empregados remuneração lucrativa, nem garantias sólidas, nunca os particulares os empregarão em tal fim e só o Estado o poderá fazer, no capítulo das necessidades gerais do desenvolvimento do país.

O crédito industrial e comercial já não está nessas condições; mas exige, ainda assim, longas imobilizações de capital, isto é, a prazos largos, muito superiores aos concedidos na Metrópole, onde as operações se liquidam sempre, a prazo não superior a 90 dias.

Como resultado dessas diferenças de prazo, tem os bancos necessidade de uma grande massa de capitais em giro. E como é difícil atrair capitalistas para aumentar a massa hoje existente, terá o Estado que ser comanditário dos principais bancos para lhes facilitar a aquisição dum acréscimo de capitais, ou então, que cobrir com garantias especiais, com a sua responsabilidade de dividendo — para melhor exprimirmos a ideia — as acções que os bancos emitam para acréscimo de capital.



Uma estação de caminho de ferro na linha de Malange

de, evitando-lhe as bruscas alterações de valor, se não em absoluto, pelo menos em relação à moeda metropolitana.

Por outro lado, há que estabelecer um plano de política colonial, baseado num regime de porta aberta a tôdas as actividades e a todos os capitais que possam contribuir para o desenvolvimento económico da província.

Desse plano geral deverá fazer parte um plano subsidiário de obras de fomento que, uma vez aprovado, seja desde logo iniciado e seguido, sem alterações, pelo governo provincial, independentemente das pessoas que o constituem, isto é, sem que seja modificado cada vez que um governador é substituído, única forma de haver continuidade de acção e inalterabilidade de processos até se atingir a finalidade marcada no plano.

Não cabe nos estreitos limites de um artigo, fazer o desenvolvimento do sistema que indicamos e defendê-lo. Por isso, apenas apontaremos algumas observações que servirão de elucidação.

Defendemos o crédito agrícola exercido por via e por conta do Estado, porque só este se pode alhear do fim lucrativo. Para que o crédito a conceder aos agricultores, desde os mais modestos até ao senhor da *farm*, possa ser apro-

E, para fecharmos estas considerações, diremos que a modificação que propomos para o regime monetário não se filia na utópica criação de uma base ouro para a moeda de Angola. Se os exemplos da experiência do que aconteceu noutros países nos não bastasse, um detido exame da questão levar-nos-ia rapidamente ao repudio do sistema.

Pretendemos apenas estabelecer uma relação constante entre o valor da moeda de Angola e da metrópole. E como essa relação varia com o aspecto da balança económica, desejaríamos que um fundo de reserva, constituido por qualquer modo, cobrisse as flutuações, até que uma prudente e sensata administração, num periodo de anos tão curto quanto possível, conduzisse aquela balança ao equilibrio.

Dit-se há que exigimos do Estado, ou melior dizendo, do país um grande sacrificio. Sem dúvida.

Mas se o país o não fizer, quem é que se propõe a fazê-lo?

Se queremos manter integra a nossa soberania colonial, se isso é um direito nosso, não podemos esquecer o dever correspondente de fazer prosperar as colonias, em beneficio do país primeiro, e da humanidade inteira afinal.

## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 12)*

Também Hester Prynne involuntariamente erguera os olhos para a janela, e as quatro pessoas se entreolharam em silêncio, até que a criança entrou a rir alto, e gritou: — Vem-te embora, mãe! Vem-te embora, senão aquele velho negro apanha-te! Já apanhou o padre. Vem-te embora, mãe, senão ele apanha-te. A Pearl é que ele não há de apanhar!



Assim dizendo, puxou pela mãe para a levar, saltando, dançando e brincando fantásticamente entre os montículos dos mortos, como criatura que nada tivesse de comum com uma geração já passada e sepulta, nem se sentisse da mesma natureza que ela. Era como se houvesse sido composta à parte, de novos elementos, e tivesse necessariamente que viver vida própria, e ser lei para si mesma, sem que as suas excentricidades lhe pudessem ser contadas como culpas.

— Ali vai uma mulher — tornou Roger Chillingworth, depois de uma pausa — que, sejam quais forem os seus defeitos, nada tem daquele mistério do pecado oculto, que vos parece tão pesado de sofrer? Achais que Hester Prynne sofre menos com aquela letra encarnada no peito?

— Assim o creio — respondeu o padre. — Em todo o caso não responderei ao certo por ela. Havia em seu rosto um ar de sofrimento que de bom grado eu quisera não ter visto. Parece-me, contudo, que melhor deve ser, para quem sofre,

poder mostrar assim a sua dor, como esta pobre mulher, que ocultá-la tôda em seu coração.

Houve outra pausa, e o físico pôs-se de novo a examinar e ordenar as plantas que tinha colhido.

— Perguntastes-me, há pouco, — disse ele por fim — o meu juízo com respeito à vossa saúde.

— Perguntei — respondeu o padre — e de bom grado o ouviria. Falai-me com franqueza, eu vo-lo peço, seja de vida ou de morte.

— Falando, pois, com franqueza e claramente, — disse o físico, continuando a tratar das suas plantas, mas sem perder de vista o sr. Dimmesdale — a doença é singular; não tanto em si, nem nas manifestações exteriores — pelo menos tanto quanto os sintomas me tem sido revelados. Olhando para vós todos os dias, meu bom senhor, e reparando há meses já no que o vosso aspecto indica, tenho-vos por um homem de veras doente, sim, porém não tanto que um físico instruído e vigilante não possa alimentar a esperança de curar-vos. Mas — não sei que diga — a doença é o que parece que conheço, porém não conheço.

— Falais por enigmas, sábio senhor — disse o padre, desviando o olhar para fora da janela.

— Explicar-me hei, pois, com mais clareza — continuou o físico — e peço, senhor, que me desculpeis, se entenderdes que requer desculpa esta clareza necessária com que vos falo. Permiti que vos pergunte, — como amigo — como quem tem a seu cargo, abaixo da Providência, a vossa vida e o bem-estar de vosso corpo — se tôda a operação desta doença me tem sido de veras dita e revelada.

— Como podeis duvidar? — perguntou o ministro. — Brinquedo de criança fôra, por certo, chamar um médico e esconder-lhe a doença!

— ¿Quereis dizer, então, que já sei tudo? — disse Roger Chillingworth deliberadamente, e fixando um olhar, cheio de intensa e concentrada inteligência, no rosto do ministro. — Seja! Mas ouvi! Aquele a quem se patenteia só o mal exterior e físico, fica sabendo, muitas vezes, só metade do mal que o chamaram para curar. Uma doença do corpo, que temos por completa e inteira em si mesma, pode, afinal, não ser mais que um sintoma de qualquer padecimento da parte espiritual. Peço, de novo, que me desculpeis, meu bom senhor, se o que digo vos dá sequer a sombra de uma ofensa. Vós sois, de todos os homens que tenho conhecido, aquele cujo corpo está mais ligado, envolvido, identifi-

*Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

cado, por assim dizer, com o espírito de que é o instrumento.

— Então escuso de perguntar mais — disse o padre, erguendo-se um pouco apressadamente da cadeira. — Não dispondes, certamente, de remédios para a alma!

— Assim uma doença — continuou Roger Chillingworth, prosseguindo num tom inalterado, sem olhar à interrupção, mas levantando-se também e pondo diante do padre emmagrecido e pálido a sua figura baixa, escura, e disforme — uma enfermidade, um ponto dorido, se assim lhe podemos chamar, em vosso espírito, tem logo manifestação correspondente em vosso invólucro corporal. ¿Quereis que o vosso físico vos cure o mal do corpo? ¿Como o poderá fazer se primeiro lhe não revelardes a ferida ou o mal que há na vossa alma?

— Não, não a ti! — nem a físico nenhum da terra! — exclamou o sr. Dimmesdale arrebatadamente, lançando os olhos, grandes e luminosos, e cheios de uma espécie de furia, sobre Roger Chillingworth. — Não a ti! Se a doença fôr da alma, então entrego-me ao único físico das almas! Esse, se fôr seu bom prazer, pode curar; ou pode matar. Ele me trate conforme em sua justiça e sabedoria houver por bem! Mas quem és tu, que em tal matéria te intrometes? — que te atreves a interpor-te entre o paciente e o seu Deus?

E com um gesto desvairado saiu bruscamente do quarto.

— Sempre foi bom, ainda assim, ter dado este passo — disse para si Roger Chillingworth, com um sorriso grave, enquanto seguia o padre com o olhar. — Nada há perdido. Daqui a pouco tomaremos a ser amigos. Veja-se, porém, como a paixão toma este homem, e o arrasta para fora de si! Como sucede com uma paixão, assim com outra. Alguma cousa má já ele fêz, este piedoso Mestre Dimmesdale, na paixão ardente do seu coração!

Não foi realmente difícil restabelecer a intimidade dos dois companheiros, no mesmo pé e no mesmo grau que de antes. O moço padre, depois de algumas horas de isolamento, reconheceu que o desarranjo dos seus nervos o arrastara a um indecoroso impeto de cólera, que nenhuma cousa, no que dissera o físico, podia explicar ou desculpar. Pasmou, em verdade, da violência com que tinha repellido o bondoso velho, quando este apenas lhe oferecia os conselhos

que era de seu dever ministrar, e que o próprio padre-lhe havia expressamente pedido. Tomado por estes sentimentos de remorso, logo apresentou as mais completas desculpas, e pediu ao seu amigo que continuasse a prodigalizar-lhe aqueles desvelos aos quais, ainda que não tivessem logrado restituir-lhe a saúde, elle devia entretanto, segundo toda a probabilidade, o prolongamento de sua débil existência até aquelle instante. Roger Chillingworth consentiu immediatamente e continuou a dispensar ao ministro os seus cuidados médicos, fazendo por elle, de boa fé, quanto podia; mas de cada vez que saía dos aposentos do doente, depois de uma visita profissional, trazia nos lábios um sorriso misterioso e admirado.

Esta expressão era invisível na presença do sr. Dimmesdale, porém assomava à superfície logo que o fisico transpunha o limiar.

— Um caso raro — murmurava elle. — Tenho que vê-lo melhor. Que estranha simpatia entre alma e corpo! Ainda que fôsse só por amor da arte, não poderia eu deixar de estudar um tal caso até o fundo!

Aconteceu, não muito tempo depois da scena acima descrita, que o reverendo sr. Dimmesdale, a meio do dia, e sem dar por isso, caiu num sono profundissimo, estando sentado na sua cadeira, com um grande volume, de letra gótica, aberto diante de si sobre a mesa. Devia ser obra de grande arte da escola literária soporifera. Era tanto mais notável a profundidade do sono do ministro, que elle era uma daquelas pessoas cujo sono é em geral tão leve, tão instável e tão fácil de saltar como um passarinho que anda a saltar pelos ramos. A tão desusada distância

doente, pôs-me a mão sobre o peito, e puxou para o lado a veste que sempre o cobria, mesmo ao olhar profissional.

Então o sr. Dimmesdale positivamente estremeceu, e moveu-se um pouco.

Passado um momento, o fisico saiu.

! Mas com que estranho ar de pasmo, de alegria, e de horror! ! Com que transporte sinistro, grande de mais, por assim dizer, para que se pudesse exprimir só no olhar e nas feições, e que por isso irrompia de toda a fealdade da sua figura, e se manifestava mesmo delirantemente nos gestos extravagantes com que erguia as mãos para o teto e batia com o pé no chão! Se alguém tivesse visto o velho Roger Chillingworth naquele momento de transporte, não precisaria perguntar como se comporta Satanás quando uma preciosa alma humana se perde para o Céu, e elle a ganha para seu reino!

Mas o que diferenciava a alegria do fisico da de Satanás era o elemento de pasmo que nela havia!

## XI

## O INTERIOR DE UM CORAÇÃO

Depois do incidente que acaba de descrever-se, o trato entre o padre e o fisico, ainda que exteriormente o mesmo, assumira, na realidade, carácter diferente do que dantes tinha tido. A intelligência de Roger Chillingworth encontrava agora diante de si caminho fácil. Não era, em verdade, exactamente aquelle que o fisico se dispusera a trilhar. Calmo, de modos brandos, isento de paixões como parecia, havia contudo nesse desventurado velho, bem o tememos, um fundo quieto de maldade, até aqui latente, mas agora activa, que o levou a imaginar uma vingança mais intima que nenhum mortal infligiu já a um inimigo. ! Tornar-se elle o amigo intimo, a quem pudesse ser confiado todo o medo, o remorso, a angústia, o arrependimento estéril, o refluxo de pensamentos pecaminosos, que em vão se tentaram expelir! ! Toda essa tristeza culposa, escondida do mundo, cujo grande coração se compadeceria e perdoaria; ser-lhe revelada a elle, o que não se compadecia, a elle, o que não perdoava! ! Todo esse negro tesouro ser dado ao próprio homem a quem nada poderia tão bem pagar a dívida de vingança.

A reserva tímida e sensível do padre tinha frustrado este plano. Inclivava-se, porém, Roger Chillingworth a sentir-se quasi não menos contente, se é que se não ia sentindo igualmente satisfeito com o aspecto das cousas que a Providência — empregando o vingador e a sua vítima para seus próprios fins, e, porventura, perdoando onde mais parecia castigar — tinha substituído a seus negros designios. Quasi podia dizer que lhe fôra feita uma revelação. Pouco importava a seu propósito se lha fizera o Céu, ou de que outra região proviera. Com o auxilio

dela, em todas as relações subseqüentes entre elle e o sr. Dimmesdale, não só a presença externa, porém o mais intimo da alma do padre parecia estar exposto a seus olhos, de modo que elle pudesse ver e abranger cada um dos seus movimentos. Tornou-se, dali em diante, não só espectador, mas um dos principais actores no mundo interior do pobre ministro. Podia actuar sobre elle como quisesse. ! Queria fazê-lo estremeecer com um arranco de angústia? A vítima estava sempre no potro; bastava conhecer a mola que movia o engenho: e o fisico bem a conhecia. ! Queria sacudi-lo com repentino terror? Como se o erguesse a vara de um mago, viria um fantasma. Viriam mil fantasmas, de muitas formas, de morte, ou de opróbrio pior que a morte, apinhar-se todos em torno do padre e apontar-lhe com o dedo para o peito!

Tudo isto foi executado com tão perfeita subtilidade que o ministro, embora tivesse constantemente a vaga percepção de uma influencia maligna que o vigiava, nunca pôde lograr conhecimento de sua verdadeira natureza. Olhava, é certo, com hesitação, com receio — às vezes, mesmo, com horror e com o azedume do ódio, para a figura disforme do velho fisico. Seus gestos, seu porte, a barba grisalha, os seus actos mais triviaes e indeferentes, o próprio corte das suas vestes, eram odiosos ao olhar do padre; sinal certo de muito maior antipatia no peito deste do que elle de bom grado a si mesmo confessaria. Pois, sendo-lhe impossivel explicar essa desconfiança e aversão, o sr. Dimmesdale, sentindo que o veneno de um sitio doente lhe estava infectando a substancia inteira do coração, não attribuia a outra causa os seus pressentimentos. Censurou-se por suas antipatias contra Roger Chillingworth, desprezou a lição que delas devia ter tirado e fez quanto pôde por extirpá-las. Sendo-lhe impossivel conseguir tanto, continuou, todavia, por principio, os seus hábitos de familiaridade social com o velho, e assim lhe deu constantemente occasiões de aperfeiçoar o propósito a que — pobre criatura abandonada que era, e mais infeliz ainda que a sua vítima — o vingador se havia dedicado.

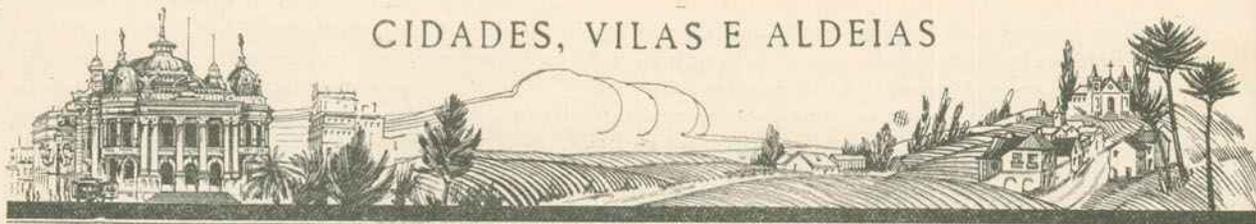
Emquanto assim estava soffrendo de uma doença fisica e o roía e torturava alguma negra doença da alma, e ao mesmo tempo andava entregue às maquinações do seu pior inimigo, tinha o reverendo sr. Dimmesdale conseguindo uma brilhante popularidade em seu sagrado mester. Ganhara-a, na verdade, em grande parte por suas mágoas. Os seus dotes intellectuaes, as suas percepções morais, o seu poder de sentir a emoção e de communicá-la, mantinham-se num estado de excitação anormal determinado pelo remordimento e pela angústia que torturavam a sua vida quotidiana. A sua fama, se bem que ainda no período ascensional, já excedia as reputações mais moderadas dos seus colegas, por eminentes que alguns fôsem.

(Continua.)



se tinha, porém, agora retirado seu espirito para dentro de si, que o padre nem sequer se mexeu na cadeira quando o velho Roger Chillingworth, sem precaução especial, entrou no quarto. O fisico avançou directamente para defronte do seu

CIDADES, VILAS E ALDEIAS



MELO (SERRA DA ESTRÊLA)

Nos domínios concelhios de Gouveia e a 12 quilómetros da sua estação, Melo fica assente nas faldas da Serra da Estrêla, a magnífica serra que faz daquela região beirôa a Suíça portuguesa. Duas montanhas protegem o lindo povoado, a de S. Tiago e a da Santinha, a primeira com 1490 metros de altitude e a segunda com 1593, abarcando-se do cume de qualquer delas os mais extasiantes panoramas, desde os contrafortes do Gerez e do Marão até às serranias de Espanha.

A fundação de Melo, que teve um período opulento no século XVI, remonta aos inícios da nacionalidade. Favoreceu-a a natureza com uma situação privilegiada, quer na beleza das paisagens que a circundam, quer na cristalinidade das suas águas, quer na excelência do clima, que é sêco e tónico, quer ainda na fatura e no sabor das frutas dos seus pomares. E para que muito pouco lhe falte para poder requerer o título de espelho do Paraíso na terra, até as suas estradas são daquelas, bem excepcionais no nosso país, que não arrancam aos *chauffeurs* e aos viajeiros queixumes e blasfêmias. São estradas dignas de europeus, e, para mais, protegidas da ardentia do sol estival pelas ramadas umbrosas dos castanheiros.

O bando dos desconsolados da vida, os artríticos, os neurasténicos, os que a anemia amedronta, em suma, todos os que podem tirar benefício dos bons ares e de uma temporada de repouso, já há muito aprenderam o seu caminho. Cada um dêles, ao regressar da encantadora estância, cobre-a de louvores e bem-hajas.

Para acolher os veraneantes há em Melo, além de bastantes casas de aluguer, de abril a outubro, uma Pensão, que só nega hospedagem aos tuberculosos.

Além do Pelourinho e do Solar dos antigos Condes de Melo, cujas vistas estampamos nesta página, Melo possui também de curioso, sob o aspecto artístico, a capelinha de Santa Marta, em estilo Renascença. Nas suas proximidades, ao alcance de uma agradável visita, ficam os castelos de Linhares e de Folgoso.

Os sítios de Lameirões, a Fonte dos Namorados, da Senhora do Centro e de Santa Eufémia, esta com a sua mimosa capelinha alpendrada, são igualmente merecedores da nossa contemplação.

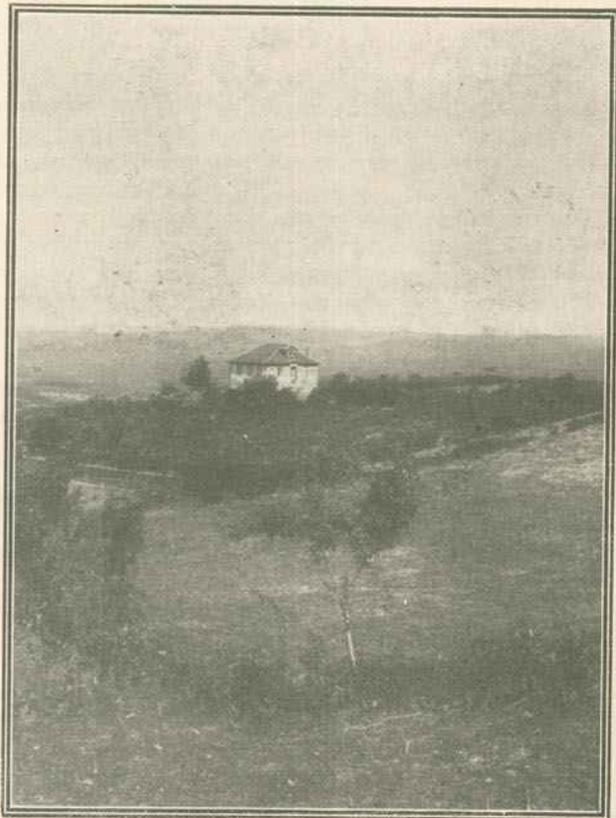
A vista das excepcionais condições que concorrem neste sítio para o transformar numa reputada estância de cura, — é de admirar que ainda nenhuma empresa se tivesse formado para o impelir para esse próspero e bem indicado destino. Falta ali, por exemplo, um bom hotel para turistas, e também a luz eléctrica. Ou mesmo um estabelecimento médico no género de qualquer dos muitos que existem na Suíça, o *Mon-Repos*, no Mont-Pélerin, para citar um só.

Quanto ao resto, melhor será que passe de largo, pois outros progressos tidos por civilizados teriam talvez o inconveniente de anular a dulcificadora paz que ali se disfruta e que é o seu mais subido atributo.

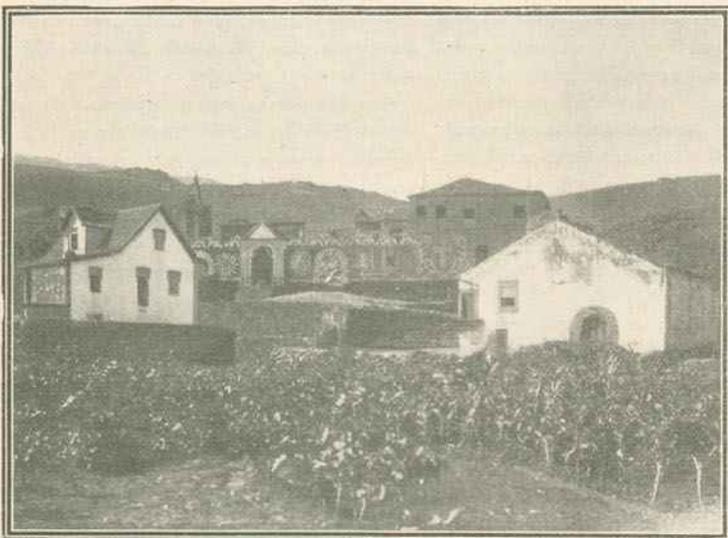
No segundo domingo de Agosto, efectua-se em Melo os tradicionais festejos do *Calvário*. Porque não hão-de os naturais da deliciosa povoação, espalhados pelo país, promover uma viagem de recreio, que seria uma romagem de saúde, a essas paragens das magestosas serranias onde viram a primeira claridade do mundo e onde decorreram os descuidosos dias da sua meninice?



O Pelourinho de Melo, classificado de Monumento Nacional



A vivenda «Paz das Serras», que o seu proprietário põe ao alcance dos veraneantes



O curioso Solar dos antigos Condes de Melo



# TEATRO



## UM CASAMENTO NO PALCO

VIDA TEATRAL DE UM DRAMATURGO SETECENTISTA

**F**RANCISCO CAETANO DE MELO E PINA, mais conhecido literariamente pelo nome de Francisco de Pina e de Melo, com dois *dd* acentuadamente genealógicos, nasceu em 7 de agosto de 1695, na vila de Montemor-o-Velho. Foram seus pais os fidalgos montemorenses João de Melo e D. Maria Isabel de Sá, pessoas bastante inclinadas de prosápias. Corriam-lhe nas veias glóbulos Apolíneos à conta de seu avô materno que era um Sá de Miranda da estirpe do poeta quinhentista, e outros essencialmente mavórticos por via de seu pai, cujos antepassados se tinham distinguido nas armas. Com estes dois condimentos e outros de que se não pôde apurar ao certo, Francisco Caetano saiu extremado tunante. Desde mocinho houve o pai que lhe soepear os impetus e, julgando que se benzia, mandou-o a Coimbra para que o estudo das Humanidades lhe amortecesse os ressaltos de bossa aventureira. Saíram-lhe errados os cálculos. O futuro autor da *Balança Intelectual sobre o Método dos Estudos*, conspícuo trabalho que não denuncia o estôfo atrabiliário do escritor, chegado ao vizinho burgo escolástico logo deu sinal de si, e a fama das suas proezas não tardou também a chegar a Montemor.

Arrepelou-se decerto o austero pai do estudante, e, em sermonários irados, talvez lhe apontasse, para exemplo, os veneráveis retratos dos avós, descaradamente pintados no salão dos Pinas de Montemor. De nada, ao que parece, serviram tais perlangas.

Francisco Caetano continuou estadeando em Coimbra as suas estouvancas e, quando a férias na vila natalícia, entremeava-as com aventuras amorosas que vieram a dar mais que fazer, a João de Melo de Pina, do que todas as brigas de Coimbra.

Tinha o estudante dezanove anos quando uma travessura de Cupido deu ocasião a um dos seus primeiros trabalhos literários, com o ter o Deus vendado despedido as suas setas, dos olhos de uma filha de Diogo Coelho de Faria para o coração do acadêmico. Tão ele se desentranha, então, em endechas e líricas, na ânsia de aliviar de vibrações a bossa poética que se lhe entumescia. Mariana amava-o também, e tudo corria no melhor dos mundos possíveis se João de Melo de Pina, se não opusesse terminante ao casamento. Ignoro as razões da oposição, nem isso importa ao caso, mas é de prever que não fosse estranho ao desagrado paterno o facto do avô da fidalguinha ter mandado matar o fidalgo montemorenses José de Gois, parente dos Pinas, morte esta que lançara sobre a geração dos Coelhos de Faria uma nódoa indelével.

Francisco de Pina de Melo não era, porém, homem que desistisse e se intimidasse com o anátema paterno sobre o projectado himineu. Queria casar e havia de casar. O crime imputado a Bernardo Coelho de Faria, não podia denegrir a fama dos seus descendentes, desde que em Montemor se venerava como santo o Abade fundador do convento de S. Martinho que, em tempos remotos, mandara degolar uma irmã e uma ninhada de sobrinhos. A inventiva dele, que excedia a do seu patrício Fernão Mendes Pinto, — Montemor era propícia aos aventureiros — não descansou enquanto não achou a solução para o seu problema sentimental. O estro que devia palpitar mais tarde no poema *Trincho da Religião*, entrou então a consumir-se secretamente numa obra poética que havia de ter escandalosa retumbância na pacata vila do

Mondego. Tratava-se, nada mais nada menos, do que de toda a história aventureira dos seus amores, teatralizada para uma representação festiva que os montemorenses iriam apreciar.

Quando, na roda das boas famílias da histórica povoação, correu a notícia do novo trabalho do estudante-poeta, João de Melo de Pina exultou de contentamento por ver que o filho se aquietara dedicando-se às letras, futurando que dessa nova fantasia resultasse o desvio dos antigos propositos amorosos. Francisco Caetano, isolando-se e consagrando-se, tão somente, aos ensaios da sua peça, dir-se-ia estar esquecido de Mariana. Os alviçareiros das suas tunantarias já não tinham que denunciar, ao pai, de rondas galanteadoras à casa dos Coelhos. Tudo parecia efectivamente terminado.

Chega o dia da representação. Toda a fidalguia de Montemor, ataviada de vistosas sumptuárias, enche o pátio ou o salão onde, num dos topos, uma tapeçaria corrida oculta o mistério da comédia. A parentela dos Pinas, envidada, antegosa o êxito do comediógrafo, e os primeiros versos soam no improvisado palco.

Sensação! Esboçam-se sorrisos; a surdina dos aplausos familiares ecôa como um murmúrio propício.

A peça é a vida amorosa dum cortesão de aldeia, poeta enamorado que defende a sua dama, arrostando com todas as dificuldades e todas as oposições, e que acaba por raptá-la indo até o encontro dum clérigo amigo que, dando-lhe as bençãos, conclui o episódio. Alguns dos sorrisos de plateia começam a dirigir-se para o ponto onde estavam os Pinas e onde, abstraído na glória do filho regenerado pela poesia, João de Melo de Pina se babava de gozo perante os lances enternecedores da acção ou ria intimamente da picaresca figura do pai do Galan, sem ainda perceber coisa alguma do que, a essa hora, já todos entendiam. O pai do Galan era ele.

A comédia, cerrada a tapeçaria após os victores dos assistentes ao atrevido autor, fôra afinal um simples ensaio.

Quando os espectadores se iam a apartar, trocando mensuras de pé cruzado e olhadas maliciosas à sucupa, Diogo Coelho de Faria deu por falta da filha e Francisco de Pina de Melo não foi encontrado também.

A essa hora iam eles a caminho duma imaginária felicidade tal como na peça, e daí a dias casavam a valer como também na peça tinham casado a fingir as personagens que os representavam.

O escândalo estrondeou pelas povoações e solares das duas margens do Mondego. João de Melo de Pina, vendo-se ludibriado e escarneado, esvurmando raivas impetuosas, impetrou o valimento dos parentes da côrte e conseguiu afinal uma ordem régia para o prender como raptor e enviá-lo à Índia para espíar em longínquos climas a partida que lhe pregára. O comediógrafo de Montemor conseguiu, porém, fugir à violência das iras paternas e oculto, com a mulher, em casa de amigos, vingou-se da perseguição fazendo «horrendas sátiras», como diz o manuscrito que vou seguindo, contra o autor dos seus dias. Diogo Coelho de Faria, amaldiçoou igualmente o genro engendrado no palco e desaparecido como uma visão em traçoias de teatro; mas Francisco de Pina de Melo teve artes para neutralizar os anátemas do sogro e do pai, estabelecendo-se em Coimbra onde ia tentar, de novo, a continuação dos estudos. O seu feito atrabiliário e brigão não se desvaneceu, porém, com o casamento, nem mesmo com a responsabilidade inerente à categoria de pai de família, pois que já tinham nascido três filhos do matrimónio que ensaiara no palco.

Em 1718, tinha ele então 23 anos, as suas proezas atingiram o escândalo com um percalço de maior que lhe ia sendo fatal. Foi o caso que, estando uma vez com outros dois companheiros de estúrdia, brigões como ele, patroneando na «Calçada», apareceu o Reboredo — alentado estudante que toda a Lusa-Athenas conhecia — a desafiar-lo para um desforço a tirar dos filhos do Marquês de Fronteira que acabavam de entrar para Santa Cruz e com os quais, os dois, tinham antigas contas a liquidar. Francisco de Pina de Melo, assomado-se como era, acedeu ao convite, arranjando-se logo um pretexto para a contenda.

Bastou a prioridade dum assento no templo para originar uma troca de palavras, depois o insulto e a seguir o desafio. Vieram os Mascarenhas e eles, de roldão, para a rua, alvorçando os piedosos coimbrões que enchiam a nave dos cruzios. Sabiam os filhos do Fronteira com quem se defrontavam. O Reboredo era temido; ao Pina respeitavam-lhe o pulso. Fizeram-se por isso de acompanhar de mais seis estudantes e criados, armados de escopetas e bacarmates para o que desse e viesse. O expediente foi-lhes útil. A meio da briga, quando as cutiladas falcavam e os Mascarenhas iam a perder terreno, ouviu-se de súbito um tiro e o Reboredo caiu morto. Gelou-se o sangue nas veias dos estudantes, e cada um, passado o momento de surpresa, fugiu como pôde.

Junto ao muro dos frades Marianos ficara, porém, outro acadêmico, estendido de borco, ao lado do Reboredo. Era Francisco de Pina de Melo, que, cosido de golpes, se esvaía em sangue.

Tinha, porém, rigíssima compleição o primogénito dos Pinas. Transportado, em braços, para uma casa onde a mulher o escondeu e tratou, curou-se rapidamente, como era preciso, fugindo a seguir para Castela.

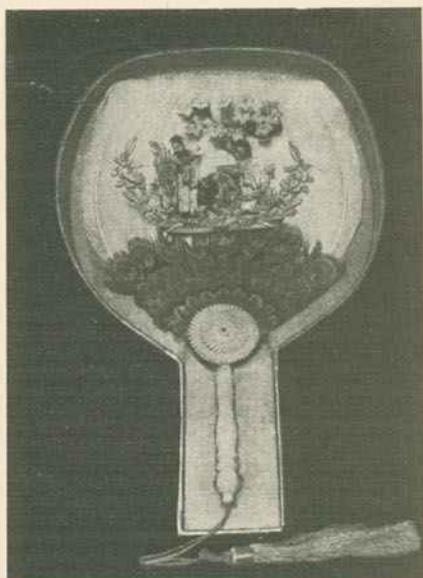
Não sei se ele chegaria a compor, com estes sucessos, uma segunda parte à sua comédia casamenteira. O que julgo certo é que o autor da *Conquista de Góa*, deslavado poema que não deixa suspeitar o estúrdio de Coimbra e o amante de Montemor, devia de ter, por este tempo, abandonado a mulher que, ao que parece, se recolheu à casa paterna em Montemor.

Em princípio de 1721, Francisco de Pina de Melo voltou a Portugal, esquecido já o caso da morte do Reboredo e o agravo feito aos poderosos Mascarenhas, porque em novembro desse ano encontro notícia de lhe ter nascido um outro filho. Desde essa data até agosto de 1730, em que novamente se regista o nascimento de mais uma filha, nada sei doutras aventuras do poeta; mas logo em seguida a êste sucesso foi-se de novo para Castela, onde, sem se lembrar da pobre Mariana, se ordenou clérigo.

Quando em fins de 1731 voltou a Montemor, já consurado, ainda ela existia. Imagine-se o lance! Como complemento à biografia teatral do nosso herói, faltava ainda um episódio. Mariana Coelho de Faria, no ano seguinte, professava no convento de Santa Iria de Tomar. O hábito beneditino foi a única solução para a esposa do poeta-clérigo e engendrador de comédias e fazedor de sátiras, que ainda vivia, com 70 anos escoceitos, em 1765.

O resto ignorado da sua vida, a avaliar por esta amostra, devia ser um encadeamento de cenas teatrais. Da comédia representada em Montemor não se conhece um único exemplar. Não devia mesmo ter chegado a ser impressa. E, sendo possível que outras peças tivesse composto, o que eu afirmo ao leitor é que a maior de todas elas foi a que ele pregou à posteridade, escrevendo a monumental sensaboria que são as suas obras.

MATOS SEQUEIRA.



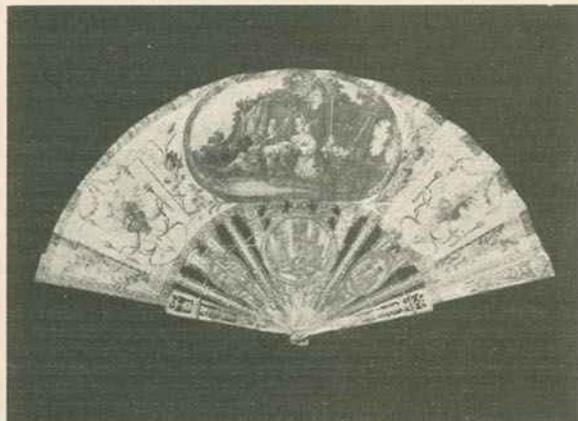
Ventarola chinesa  
(Coleção Afonso Dornelas)

A Exposição de Leques, no Museu do Carmo, não visou, por certo, a desbancar a célebre exposição londrina do South Kensington Museum, organizada em 1870, sob o patronato da rainha Vitória, com mais de quatrocentos modelos.

Mais modesta, a iniciativa da Associação dos Arqueólogos Portugueses poderia, no entanto, ter sido uma coisa interessante, se outras fossem as condições da sua sede, e se tivesse havido mais ordem e carinho na disposição das peças apresentadas.

Como estavam, os pobres leques não se deviam sentir ali muito felizes. Condoía até, sinceramente, a sumptuosidade de alguns feita nobreza arruinada a pedir esmola em capela desmantelada.

Expor não é tudo. Há que atender à maneira



Leque francês do século XVIII  
(Coleção Viscondessa de Pedralva)

# UMA EXPOSIÇÃO DE LEQUES

como se expõe e à conjugação do local com os objectos. Sem harmonia decorativa, ainda que rudimentar, não se obtém o efeito desejado, nem se contribui para a educação do gosto público, carecido de que o norteiem.

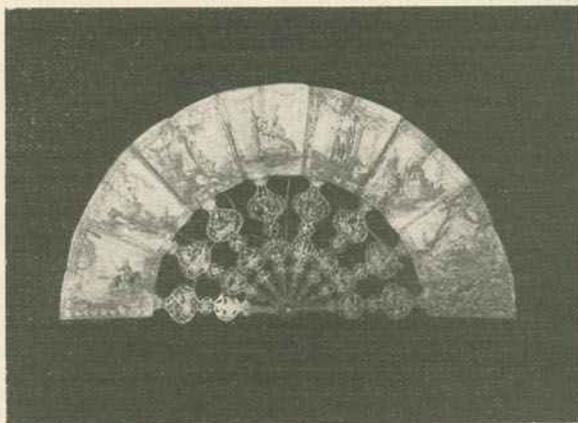
Se os iniciados se viam em apuros para se orientarem na barafunda, os leigos saíam de lá perfeitamente às aranhas. Uma exposição sem indicações, sem letrados, sem catálogo, é um empreendimento a bem dizer inútil, do qual nenhum proveito resulta, nem memória alguma fica, como, certamente, o sabem, e lamentam, os ilus-

tres promotores desta tentativa, prejudicada por uma evidente precipitação.

Apesar de estarmos numa sociedade de Arqueólogos, não houve o propósito de resumir a longa e vária história do leque, para o que escasseariam, por cá, alguns elementos da farta cadeia. Não se

em mérito a Senhora Viscondessa de Pedralva, ambas provenientes do rico espólio de arte deixado pelo grande coleccionador que foi Alfredo Keil, autor, por sua vez, de um curioso leque com retratos de compositores e um motivo musical.

Da coleção Luis Keil, reproduzem-se, nesta ligeira resenha, dois exemplares. Um é um precioso leque, de varetas de tartaruga com as armas de Navarra e Castela, que deve ter pertencido a alguma princesa de França casada com um rei espanhol. Outro, interessantíssimo, montado em cobre esmaltado, representa a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, vendo-se o Largo do Paço com as tropas em parada. Documento



Leque com as armas de França e Espanha  
(Coleção Luis Keil)

quis fazer sciência, ou seja Arqueologia a rigor, mas, apenas, mostrar alguns tipos e exemplares das várias colecções lisboetas; ao todo centena e meia, nem todos valiosos ou muito antigos, segundo nos quis parecer, pois é sempre difícil julgar de uma exposição sem catálogo.

A mais notável das colecções expostas era, sem dúvida, a de Luis Keil, a que se seguia

de primeira ordem, para a época, aumentasse o valor a circunstância de ser, mais que presumivelmente, de fabricação chinesa, comemorando um acontecimento europeu-americano.

Relativos a D. João VI e a episódios da guerra peninsular, havia mais leques na exposição. Um, por exemplo, com a seguinte legenda: «Viva o Príncipe, a Paz e a Lusa Gente.» Não faltava a Estátua Equestre, nem uma prova do vulgaríssimo gosto da Senhora D. Carlota Joaquina.

Pertence à Senhora Viscondessa de Pedralva, entre outros apontáveis, o lindíssimo leque de madreperola incrustada, em cujo pano se vê uma scena campestre e musical, com um raro instrumento.

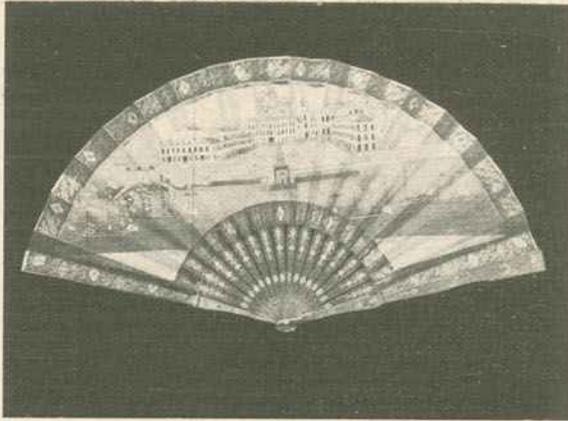
Na coleção da Senhora Condessa das Alcáçovas, salientavam-se dois belos exemplares,

que pertenceram à primeira Marquesa de Pombal, e de que reproduzimos um, com a vista de Roma.

Do género galante, acentuadamente francês e típico século XVIII, era o leque em seda, lantejoulas e madreperola, do sr. Jorge de Oliveira Machado.

Os leques orientais abundavam, em marfim, em laca, em ébano, em sândalo. Apontaremos um, rendilhado, com figuras, da colecção do Sr. Coronel Azevedo e Silva.

Na colecção do Sr. Afonso Dornelas, que, com os Srs. Frazão de Vasconcelos e Cordeiro de Sousa, foi um dos promotores da exposição, havia um ótimo leque chinês de varetas de prata,



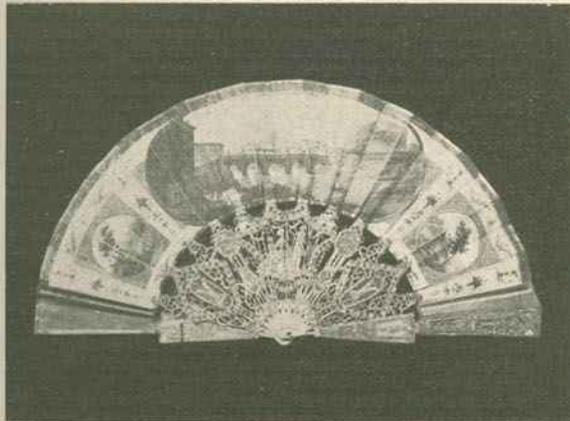
Leque representando a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro  
(Colecção Luis Kell)

tartaruga, na vitrina da senhora D. Maria Amélia de Arriaga Xavier da Costa.

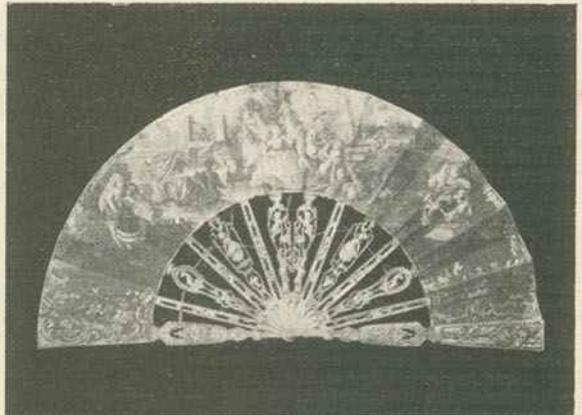
Maria Augusta deixou jóias mais belas do que essa. Alguns outros leques, que ela assinou, são famosos e marcaram naquelas suas deliciosas exposições do Tesouro Velho. Em todo o caso, foi bem que lembrassem o nome da tão simpática rendeira.

Só tarde a renda se applicou em varetas. É um erro amável empregar uma teia de buracos para deslocar o ar.

Os leques feitos em renda — houve primeiro os de renda aplicada — aproveitam a forma, mas não o destino d'esses galantes utensilios de fazer fresco.



Leque que pertenceu à marquesa de Pombal  
(Colecção Condessa das Alcôvas)



Leque francês do século XVIII  
(Colecção Jorge de Oliveira Machado)

infelizmente incompleto, e, como curiosidade, a ventarola de penas, com figurinhas de marfim e

Outros exemplares mostrados mereciam citação, mas escasseou-nos o tempo para substituir por apontamentos nossos o inventário que se não fez.

A fechar, não esqueceremos a nota de que não faltava no Carmo, entre os leques de papel, de plumas, de pergaminho, de seda, de rendas, a evocação da delicadíssima obreira de leques, que foi D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, a fada dos bilros. Lá estava um dos seus vaporosos trabalhos, montado em

São já mero luxo, condenando o objecto a atraiçoar o fim que foi criado. É a decadência!

Resta dizer que a Exposição de Leques abriu com uma conversa do sr. Dr. Luis de Oliveira Guimarães, que não tivemos o prazer de escutar.

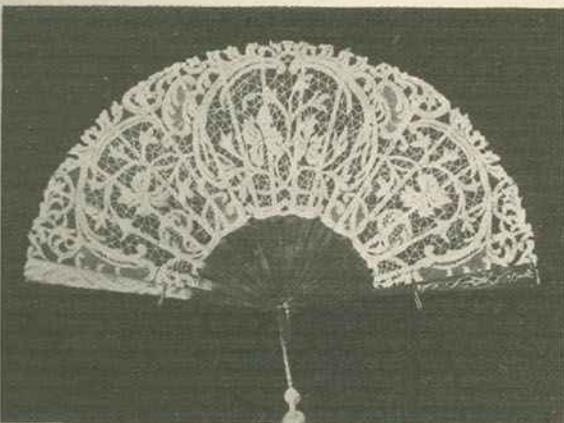
MANOEL DE SOUSA PINTO.

FOTO-CÔR

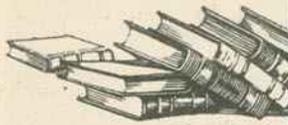
No Salão Bobone — desta vez por conta da casa — mostraram-nos várias amostras de um novo processo fotográfico, que reproduz as cores directamente do natural.

Trata-se de uma novidade industrial curiosa, inventada na Alemanha e já ensaiada em Espanha, de que a casa Bobone tirou privilégio para Portugal e Brasil.

Apresentando retratos de algumas pessoas conhecidas e reproduções de quadros e paisagens, a Foto-Côr demonstrou possibilidades de vir talvez a ser um valioso auxiliar das artes gráficas.



Leque de renda de Peniche  
(Maria Augusta Bordalo Pinheiro)



# Livros e Escritores



Essa figura esguia, pernilonga, com um não sei quê de caricatural e tragalhadanças, de fisionomia claramente risonha e acolhedora, espirito fino como um coral, erudito como um beneditino, escritor vernáculo e terso como um daqueles esquecidos mestres do Renascimento e do Seiscentismo, esse Padre Sena Freitas que era um monstro de bondade e de saber, conhecemo-lo todos nós e, entre toda a gente, o humilde rabiscador destas duas mal alinhavadas regras. Num tempo em que, muito mais do que hoje! era coisa significativa de tacanhês de espirito e de instrução o ser-se católico e abertamente o confessar perante uma horda compacta e aguerrida, o Padre Sena Freitas bateu-se como um leão, estudou como pouquíssimos dos seus camaradas e escreveu português como nenhum deles. Razões, pois, de sobejo, para que, alguém de talento e reconhecidos méritos literários exumasse, do frio esquecimento a que fora votada, essa alta e bondosa figura de padre, de sábio e de português. É que Sena Freitas, estranho temperamento que, no respeitante ao seu envólucro corporal, nunca estava bem em parte alguma, ora se deslocando para aqui ora para ali, vivendo em alhures e nenhures, viajando como um inglês macambúzo; devorando todo o imenso saber acumulado por séculos e desenvolvido por gerações de beneditinos estudiosos; com o seu espirito a par de quanto se descobria no mundo da ciência ou da exegese; corpo deambulando pela terra, espirito a topetar nos céus numa ânsia devorante de bem servir o Deus a quem votara a existência inteira e cuja beleza inarrável o seduzia e arrastava arrebatadamente; hoje no Brasil a missionar gentios como um desses antigos obreiros da civilização latina; amanhã no formoso torrão lusitano à cata de espiritos transviados que pudesse ganhar para a causa que era o enlévo do seu espirito, e publicista, crítico, pregador, jornalista, sempre na brecha, sempre estudioso, trabalhando sempre — esse Padre Sena Freitas foi porventura uma das mais fortes e características figuras do mundo católico durante os fins do século findo e ainda mesmo nos nossos mais chegados tempos. Bem haja pois o autor ilustre do *D. Pedro* e *D. Inês*, o evocador portuguêsíssimo de tantas coisas lusitanas, pela empresa a que meteu ombros: aqui lhe dou sinceramente o meu agradecido parabem pela conferência realizada acerca do injustamente esquecido mestre que foi Sena Freitas e pela edição do seu formoso trabalho. É que, evocar a alta figura de padre, de português e de escritor que foi o saudoso missionário micaelense é, a par de pretexto para algumas comovidas palavras de apreço a uma obra lusitaníssima, a prova irrefutável de que, numa descolorida época de cobardias intelectuais e de acomodação subserviente do clero a um regime perseguidor, nem todos foram como aquele picaresco Padre Salgueiro da *Correspondência de Fradique Mendes*. Enquanto — salvante raras excepções — é claro — os padres do período constitucionalista se intrometiam pelas secretarias de Estado e aí politicavam e caciavam na mira de gordas prebendas ou pingues sinecuras; enquanto os presbitérios ficavam érnos doutra vegetação que não fosse a dos escahracos e tortulhos, só podendo contar com as várias congregações que assim se viam forçadas a destacar para lá missões civilizadoras — como se a terra de Portugal fosse terra de pretos ou sertão dos Brasis! —; enquanto o Constitucionalismo tornava num risivel mas comodo amanuensado o que era um sacerdote na pura acepção da palavra, e um tão duro mister que só exigia abdicção de interesses, abnegação e sacrificio de todos os dias — o Padre Sena Freitas, compreendendo claramente o alcance da missão a que se votara e o espirito da ordem aonde havia ingressado, desprezava o Padre Salgueiro, rompia com todos os politiquismos, dedicava a sua pena

e a sua palavra a Jesus e combatia, falava, pregava, escrevia, desbravava, sem descansar, sem respeito humano e sem temor, na plena compreensão do seu mister e na intelligência lúcida daquele espirito cristianissimo que, a certo varatojano — amigo de Fradique e sempre devorado pela fé, ardendo em caridade, cuidadoso sempre do cultivo das almas e da sua evangelização — fazia exclamar:

— O horrendo padre Salgueiro Bem mereceu pois o sr. Antero de Figueiredo com a sua conferência sobre o esquecido e illustre micaelense. E bem mereceu porque a sua evocação, sobre ser uma obra de caridade e de justiça, é ao mesmo tempo o pretexto para algumas páginas de boa prosa lusitana. Servir — já aqui o disse — é a missão de todo o escritor que se prese. Não se fez a escrita para simples floreio de galanias de arte: a missão é muito maior e, arte que não tenha a enformá-la um alto pensamento, bem misera e mesquinha se torna, valha a verdade. Foi isso que de há muito



Antero de Figueiredo

compreendeu o alto espirito do sr. Antero de Figueiredo. Bem haja por isso... Contentou-me a sua brochurinha — pelo intuito que a animou e pelo quantum de elegância moral e literária que encerra. E antes de terminarmos em frente de uma excelente mina que todas as seresmas românticas, derreadas pela péssima educação que os pais lhes instilaram, não deixariam de explorar para coonestação das suas mocanquices amorudas com todos os vários D. Juan!

Ora a peça do sr. Caiola — que a critica teatral recebeu de cacete em punho, — como se essa mesma critica, por má ventura nossa, não fosse a culpada de quantas desvergonhas sentimentaleiras se encavalgaram no teatro! — a peça do sr. Caiola é um caso banalissimo de adultério romântico, passado entre criaturas sem reacção, criaturas incapazes de um simulacro sequer de dominio da razão sobre o sentimento, e as quas se adivinha terem saído do cérebro do autor de *A Derrocada* como Minerva da cabeça do pai dos deuses. Já por isso ela seria falsa, e estaria inteiramente fora da vida, se outras e diversas razões não acrescessem o demérito da obra. É que não se explica porque razão Helena, podendo muito bem ter-se calado, vai confessar ao marido a sua falta, a não ser que ela tivesse a certeza plena de que o marido se ficaria com a frase final acima apontada. Tampouco se compreende a atitude abnegada — tão inverosimil, meu Deus! — de Maria Emilia, chamando a si culpas que lhe não pertenciam e sem que sufficiente e persuasiva caracterização da personagem nos pudesse levar a dá-la como capaz de semelhante acto. A attitude da irmã de Mário de Albuquerque lembrou-nos logo a de certas heroínas de alguns romances de Luis do Val, ou dos dramalhões que, nos nossos tempos de menino e moço, vimos no ex-D. Maria ou no igualmente ex-Príncipe Real, e nos punham o coração aos pulos e os olhos convertidos em riachos. As situações são idénticas, como idénticas são as personagens, a efabulação e o assunto: a mesma falta de verdade, o mesmo estirão de falatório, a mesma arbitrariedade de caracteres... Assim pois, despida de interesse para nós a peça do sr. Lourenço Caiola, só uma coisa nos logrou prender eficazmente: o prefácio com que

res estão muito arbitrariamente dados: são imprecisos, descoloridos, direi mesmo apagados, e o sacrificio de Maria Emilia só nos vem provar que o sr. Caiola tem um coração de ouro, o que para o mísero autor destas linhas já não era novidade nenhuma. As falas das personagens principais são longas, diluidas; a vibração é minima e, por vezes, de uma enorme falta de verdade; já hoje se não pode ouvir uma peça nestas condições, porque o efeito que se procurou conseguir, perde-se por completo. Há mesmo occasiões em que a inverosimilhança é flagrante, como no final do último acto, quando o marido atraído, depois da esposa lhe confessar que deu uma facadida no contracto matrimonial, e de a vêr sair pela porta fora a dizer que nunca mais voltará ao seu lar, cai numa cadeira e exclama, enquanto a irmã dêle lhe faz festinhas na cara: «Desgraçada!»... Confesse o sr. Caiola que um marido assim era ideal para certas fulanas que nós conhecemos, todas elas atreitas a escorregadelas pela encebada escadaria do dever!... Eu bem sei que a Helena atribui — pela pena do sr. Caiola — à fatalidade aquilo que lhe succedeu com o substituto do marido. Mas, o argumento fatalidade, já tocado em todos os tons pelo Romantismo, de há muito passou à categoria de pura leria com que as esposas de espirito vacum soiam engolar — e engolam ainda — os maridos de tendências bovinas... Não há fatalidade nenhuma neste mundo, mas sim juizo ou falta dêle e, quanto a irresponsáveis — pois a isso nos conduziria a aceitação da tal teoria da fatalidade — só os que se encontram sujeitos à clinica de alienados ou similar. Nervos, neurastenias et coetera, não constituem escapatório suficiente para faltas de honra: quanto muito as aceitaríamos como atenuante de um crime. Do contrario estávamos em frente de uma excelente mina que todas as seresmas românticas, derreadas pela péssima educação que os pais lhes instilaram, não deixariam de explorar para coonestação das suas mocanquices amorudas com todos os vários D. Juan!

minguados e falidos de bom entender — na frase de El-Rei D. Duarte — que a despropósito da conferência do autor da *Leonor Teles* se puseram a discorrer bravamente acerca das opiniões politicas do Padre Sena Freitas! Deus do céu! quasi vi ressuscitadas as guerras quitescoas do Alecrim e da Mangerona... Com o que estes descerebrados se preocupam!

aumentou o autor. Nêle são dadas com elegância e justeza algumas bordoadas nos críticos teatrais — quasi todos êles caibos e com uma tampa inopia de escrúpulos que só tem similar na sua absoluta carência de ideias e de cultura... Mas que demônio poderia o autor de *A Derrocada* esperar de críticos que, tendo-se farto de incensar verdadeiras teratologias dramáticas, ou porquissimos casos de alcova postos em teatro por vários mixordeiros parisienses, se aliarão estreita e vergonhosamente para desacreditar *O Lodo*, do sr. Alfredo Cortez, — peça que, passando-se num meio torpe, tinha o mérito de criar repulsão por êsse meio? Não os ouvimos nos na imprensa clamarem às mães que não pusessem a candura das filhas em contacto visual e auditivo com a peça do sr. Cortez, êles que haviam erguido até às nuvens em mais duma ocasião a *Dama das Camélias*, burundanga romântica que alicia espíritos e perverte sensibilidades? O que havia a esperar de críticos, tão pouco compenetrados da sua missão que até se conluíram para dizer mal duma peça?

Ultimamente, por um fenómeno que os sociólogos um dia explicarão com suficiencia, caiu sobre Portugal uma verdadeira aluvião de literatas que puseram em prosa e verso banalidades de morrer a dormir e mesquinharías dum ridiculo insuportável, por em demasia já terem sido repetidas em todos os tons há um rôr de anos. Não enfileira entre ellas Luzia, pseudônimo duma escritora sem aspirações, julgo, a sumidade literária e que conseguiu esta coisa inédita entre as senhoras que escrevem: fazer-se ler com agrado. Luzia, cujo livro de estreia nos trouxe ao rosto um sorriso por mais duma vez, mercê da fina ironia e espirito de observação que o animavam, destaca facilmente dentre as suas companheiras da vida literária. Prova do que afirmamos, êste livro *Cartas duma vagabunda*, no qual a sua autora a proposito de tudo e de nada também, escreve, comenta e aprecia com graça, vivacidade, uma ironia muito subtil, uma grande facilidade de expressão e, quando calha, uma dose de sentimento muito feminino e apreciável. O tom das suas *Cartas* é cheio de naturalidade e de espirito: os dotes de observação de Luzia são realmente notáveis e os seus pontos de vista estão muitas vezes certos, embora em várias ocasiões nos tivesse sido dado deprender que a cultura de Luzia é muito mais literária do que sólida: às vezes os seus juízos pecam por superficialidade e falta de reflexão... Mas a verdade é que estas *Cartas duma vagabunda*, mesmo quando com ellas não concordemos se lêem com desenfado e veem confirmar um temperamento de escritora, leve, finamente irônico e subtil.

Regionalismo, ao contrario do que muita gente para si pensa, não pode consistir numa simples apresentação dos aspectos pitorescos duma região, como sejam modismos de linguagem, descrições do meio ambiente, quatro criaturas a falarem difficil enquanto duas pombas poissadas num beiral vão cantando os parasitas. Regionalismo deverá antes ser o regresso ao povo, à sua maneira de vêr, transpondo-se portanto para a arte a própria vida dêsse povo, sem a desnaturar nem tampouco focar em seus aspectos particulares; e cuidadosamente observando o fundo étnico da raça, o conjunto de características e aspirações, a idiosyncrasia geral e aquisições seculares. Foi Garrett dos primeiros a fazer sentir isto em mais dum ponto da sua obra: e o tempo só lhe tem dado razão. O exame detido da nossa literatura, nos últimos cem anos leva-nos à comprehensão nitida de que, sendo nós, quiça, o mais latino dos povos latinos, a resistência às influências germânicas é enorme entre nós e, quando recebida, fornece simples caricatura, transparecendo logo os caracteres próprios do latino. Este por sua natureza, é muito pouco subjectivo; é colorista, sinfonista, e nêle existem por excellência o sentido de ordem, da limitação, clareza, gosto e harmonia. Por isso os nossos Romantismo, Realismo e Simbolismo, quando personificados nos seus epígonos são absolutamente característicos, e totalmente diversos dos outros, pois que, nem Garrett, nem Eça de Queirós nem tão pouco o sr. Eugénio de Castro, por maior que fôsse a influencia que sobre êles exerceram os mestres das escolas a que pertenceram, lograram

jamais perder o seu lusitanismo extreme, ou sair de si próprios, antes voltando sempre às claras fontes da Latinidade. Já o mesmo não succedeu com os românticos, realistas ou simbolistas lá da estranha, pois que, neles, a desnaturação foi por vezes extraordinária indo-se cair num germanismo quasi completo.

Não nos permite o espaço o desenvolvermos aqui a documentação do que acima fica exposto. Mas, do que já dissemos, claramente se poderá deduzir que o regionalismo de forma alguma se deve confinar a dentro do estreito âmbito que se tem pretendido conceder-lhe. Quando muito será localismo o que para ai se apresenta, em literatura e em arte. O regionalismo terá antes de constituir a expressão latina do nosso modo de ser especial, expressão essa tomada em todas as suas manifestações. Se nos é permitido precisar melhor o nosso pensamento, daremos uma definição — imperfeita sem dúvida — e segundo a qual, tendo em vista as qualidades especiais do latino, regionalismo deverá significar: o modo de ser católico, gerador dum misticismo da Terra e do Sangue contendo em si um potencial de energias criadoras, características e inconfundíveis, expressando e realçando as aspirações seculares dum povo. Para nós portugueses resumir-se há na constante ritmica de três sílabas que vamos encontrar nos nossos mestres do Romantismo, Realismo e Simbolismo: *Portugal*. Simplemente, há que pronunciar essa constante ritmica de três sílabas como a pronunciamos os nossos maiores, não a esvaziando do conteúdo que êles lhe deram ao fundar, basear e defender a nossa vida como Nação... Assim pois o regionalismo não significará como já se pretendeu, a limitação, em recurso forçado, à minguada prata da casa: largo e fecundo é o seu dominio espiritual e material, fortes e dominadoras poderão tornar-se as suas manifestações no campo de arte, da literatura, da industria, da nossa vida enfiem como Nação, desde que saibamos compreender o seu altissimo significado.

Ora, vem-nos isto à memoria depois da atenta e demorada leitura que fizemos do *Alentejo, terra de solidão*, livro que o seu autor, o poeta Celestino David, sub-titulado de *Poemas regionais*. Parece-nos que o sr. David, embora tendo produzido uma obra que sai da banalidade em que desandaram as coisas regionais, ainda se não libertou do conceito errado que porhi corre do que seja regionalismo. Em primeiro lugar falta-lhe a doce e geral tonalidade portuguesa tão cheia de cor e de vida, que deveria animar livros desta ordem: o sr. Celestino David é um poeta, mas ainda se não libertou de influencias estranhas que o deixem ser *ele próprio*. Está ainda na fase do localismo, sem contudo nos ter dado obra forte e impressionante, mesmo a dentro de tão estreito conceito de regionalismo. O tom geral da obra é diluído em tintas muito aguadas: se o sr. Celestino David quis fazer apenas ressurreições locais faltou-lhe quasi por completo o poder de restituir a cor alentejana, o modo particular de ser do Alentejo. Nisso foi duma felicidade enorme o falecido Conde de Monsaraz, cuja *Musa Alentejana*, injustamente esquecida, é um dos mais formosos livros que nos têm sido dado lêr sobre a desprezada provincia portuguesa, sem esquecer a *Epopeia da Planície* do malogrado António Sardinha... O sr. Celestino David viu os aspectos curiosos e pitorescos dos campos e vilas alentejanas mas a sua paleta só lhe forneceu tons griseos, mesmo quando pretendeu dar a cor, a luz, o ruido, a vida, o sentimento do que via e observava. Daí, o *Alentejo, terra de solidão*, ser curioso e lou-



Celestino David

vável como intuito dum poeta, mas consistir em aspectos esmaecidos, de tintas como já disse, muito diluidas. Isto, é claro, admitindo como boa, a concepção reinante do regionalismo e que nos parece influenciar ainda o sr. David... Mas, exactamente porque tal admisso importaria um esgotamento rápido, um, por fim, já fastidioso recurso a veias por demais dessanguadas, é que nos parece justa e necessária a correcção de semelhante conceito, o qual terá de ser alargado para ter vida e corresponder à realidade... Dum modo geral, pode porém dizer-se que o livro do sr. Celestino David é digno de ser lido, visto representar um regresso — parcial embora — ao amor pela terra nossa e pela sua incontestável beleza. Há nêle mesmas páginas que nos prenderam fortemente a atenção, como sejam o *Alvorecer na herdade*, *A merendeira dos conversados*, *A sesta do maltês*, *A malta dos ratinhos*, etc., que se devem a um temperamento de poeta. Resumindo: o livro do sr. David é digno de ser lido apesar mesmo do impreciso e vago que nêle dominam, do conceito apertado que o poeta possui do que seja regionalismo. Por mim declaro não ter perdido o tempo que levei a ler o *Alentejo, terra de solidão*, apesar das discordâncias já aqui expostas...

Sem um batalhão de robustos galegos a fazer-lhes cócegas ao mesmo tempo, os senhores não conseguem achar graça à *Denúncia*, a tal paródia a certo livro de titulo semelhante da poetisa Virginia Vitorino. Primeiro que tudo, não logramos perceber por que motivo a *Renúncia*, da poetisa em questão, há-de merecer as honras de paródia, visto como o livro da sr.<sup>a</sup> Vitorino está longe de ser a obra *sublime* a que aludem os parodistas: para quem tiver dez réis de miolos trata-se apenas de sonetos bem metrificadas, embrulhando coisas ditas e reditas. Em segundo lugar, a paródia é tão malleitinha, os versos tão desengraçados e tão coriáceos que a gente passa de como se gasta tanto dinheiro numa edição tão boa dum livro para, afinal, a leitura dêste nos deixar hamleticamente macambúzios! Não se esqueçam os senhores do batalhão de galegos, única forma de rirem com as faécias da *Denúncia*!... Que falta de piada, senhores!

Seguem-se os *Poemas*, do sr. Branquinho da Fonseca. Versos ingéniosos mas sentidos, duma singeleza que possui um encanto inegável; *Cantigas dum Lusitão*, quadras do sr. Eduardo Salgueiro, entre as quais se poderão respigar uma ou outra não despidianda; *Amor e Bom Humor*, versos do sr. Frederico César de Valsassina, nos quais é licito reconhecer despreziosas qualidades embora o seu autor devesse ter tido mais cuidado na escolha porque, no livrito há bastante pacotilha; *Lar apagado*, versos do sr. Fernando de Castro, poeta de real talento a quem deu para escrever em estilo requintado, estragando toda a inspiração; porque demônio não há-de o sr. Castro experimentar o ser humanamente natural? Temos também o *Triptico* do sr. João Maria Ferreira, à memoria do Conde de Sabugosa e que, só se poderá admitir pela intenção, que era boa; *Flor de Luz*, versos também do sr. Amadeu Lopes e muito verdes, cheios de muletadas, abusando a todo o momento da adjectivação, que chega a tocar as raízes do inverosímil: só num soneto, dedicado a Hercules, tivemos a paciência de contar dezasseis adjectivos; *Bonços e canhotos*, prosas do sr. Neves da Cruz, a que não faltam um pouco de curiosidade e bastante bom senso, apesar duma ou outra frase, propositada e escusadamente crua. Por ultimo citarei, para acabar esta resenha, dois discursos: um do sr. Simeão Vitória, sob o titulo de *Nove de Abril* e celebrando entusiasticamente o esforço português na Flandres; o outro do sr. dr. Azevedo Neves, e prestando justissima homenagem a *Júlio de Castilho*, o laborioso e dedicado autor da *Lisboa antiga*, modelo de investigador e de homem de bem.

E acabou-se.

ÁLVARO MAIA.

NOTA DA REDACÇÃO. — Por continuar o impedimento do sr. César de Frias, mantém-se na interinidade desta secção o sr. Álvaro Maia.

Os livros enviados, para êste effeito, à nossa Revista, não devem vir subordinados a dedicatórias individuais.



## TABACARIA PÁTRIA

PERFUMARIAS — PAPELARIA — LIVRARIA  
— JORNAIS DIÁRIOS — FIGURINOS  
MÚSICAS

SUCURSAL D'O SEculo — Recebe assinaturas e anuncios

JOSÉ GOMES FERREIRA

COIMBRA (PORTUGAL)

Telefone 621

## COMPANHIA

DA

## CERVEJA DE COIMBRA

S. A. R. L.<sup>DA</sup>

AVENIDA EMÍDIO NAVARRO

### CERVEJA PILSENER E CERVEJA PRETA

RIVAIS das estrangeiras, fabricadas com malte e lupulo de qualidades escolhidas e pelo acreditado técnico da Bohemia A. SPRINGER

Os purgantes energicos provocam  
quasi sempre o enjôo.

ENO'S "Fruit Salt", o verdadeiro Sal de Fructa, reputado em todo o mundo ha mais de 50 anos, não tem o inconveniente acima. Exempto de saes mineraes e de assucar, possuindo muitas das propriedades refrigerantes da fructa, pode combater a prisão de ventre sem violencia, e restabelecer, por meios naturaes, o funcionamento normal do intestino.

*Uma colher, das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.*



Depositarios  
em  
Portugal:

Robinson,  
Bardsley  
& Co. Ltd.

8, Caes do Sodré,  
Lisboa

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



PEDIR CATÁLOGOS Á

## ESPINGARDARIA CENTRAL

COIMBRA

Espingardas Belgas calibre 12 e 16  
desde 240\$00

Munições de caça e tiro



## OTTO BIENER & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

Escritório: R. Ferreira Borges, 175, 2.º

Armazem: R. da Sofia, 98, 100 — COIMBRA

Endereço Telegr.: MAQUINAS

Máquinas industriais de tôdas as qualidades, agrícolas e electricas.

Ascensores eléctricos para pessoas, monta-cargas, etc., da casa A. T. G. de Leipzig (Alemanha).

Referências: Ver HOTEL ASTORIA em Coimbra.

## HAVANEZA CENTRAL

BARROS TAVEIRA

2, Rua Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

Telef ne 440

*PAPELARIA, TABACARIA, PERFUMARIA*

*A melhor edição de postais com vistas de Coimbra*

**SECÇÃO FOTOGRAFICA**

com artigos das casas KODAK, ILHAGEE, HERNEMMAN, ICA e PATHÉ

*Executam-se trabalhos de revelagens, provas e ampliações*

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

## COIMBRA HOTEL

Avenida Navarro — COIMBRA

## HOTEL AVENIDA

Avenida Navarro — COIMBRA

Proprietário: Filipe Paes Fidalgo

*Situados na melhor avenida da cidade, com magnificas vistas para o Mondego. — Carro eléctrico á porta, agua corrente, quente e fria, em todos os quartos. — Optimas instalações, tornando-se por isso os melhores hotéis de Coimbra.*

Meio mundo usa o calçado

**PORTUGAL**

*de todos o melhor*

À venda nas principais terras do País

Rua Visconde da Luz, 79

COIMBRA



PIANOS

ALEMÃES

DAS MELHORES  
MARCAS

desde esc. 5.800\$00

AUTO-PIANOS ALEMÃES E AMERICANOS desde esc. 9.800\$00.

CANTO, LIMITADA

COIMBRA — Praça Republica, 9-11

FIGUEIRA DA FOZ — Rua Candido Reis, 9

A INDUSTRIAL

DECORATIVA

DE COIMBRA, L.<sup>DA</sup>

(ANTIGA CASA ELYSEU)

RUA DA MANUTENÇÃO MILITAR, 3

COIMBRA

A fábrica mais importante  
e acreditada de Coimbra

. . . . .

Estatuetas, bustos, imagens,  
: : etc., em Terre Cuite : :

. . . . .

Exportação para o País,  
Ultramar e Estrangeiro

*Mathias, Filhos & Carvalhos,*  
*Limitada*

ARMAZENS DE MERCEARIA  
E AZEITE

*FABRICA DE CERA*

Séde:

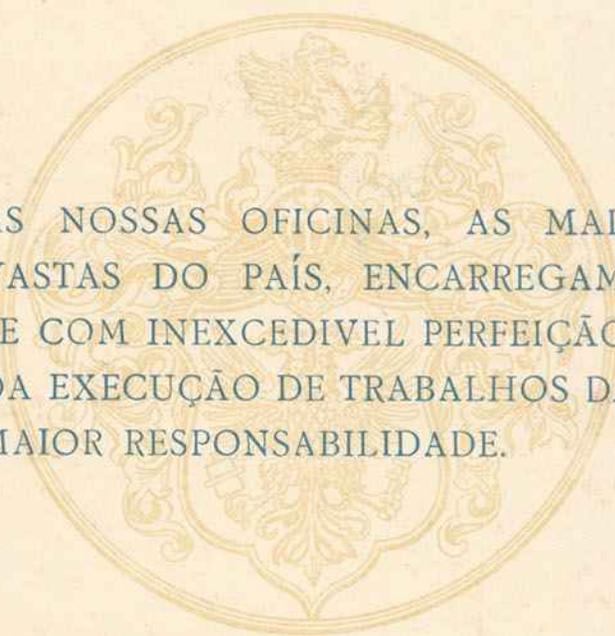
Largo das Olarias, 9

Filial:

Vila Nova de Poiares

COIMBRA

TIPOGRAFIA  
ESTEREOTIPIA  
FUNDICÃO DE TIPO

A large, faint, circular embossed seal is centered on the page. It features a central figure, likely a coat of arms or a national emblem, surrounded by ornate, symmetrical scrollwork and floral patterns. The seal is rendered in a light, golden-brown color that blends into the background paper.

AS NOSSAS OFICINAS, AS MAIS  
VASTAS DO PAÍS, ENCARREGAM-  
SE COM INEXCEDIVEL PERFEIÇÃO,  
DA EXECUÇÃO DE TRABALHOS DA  
MAIOR RESPONSABILIDADE.

EMPRESA DO ANUÁRIO COMERCIAL  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 24—LISBOA

# Hudson



- ARTA -

AUTO-PALACE. GARAGE: RUA ALEXANDRE HERCULANO.  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS L.<sup>DA</sup>  
+ AGENTES EXCLUSIVOS: HUDSON E ESSEX +